

\* Doutoranda em  
Arqueologia FLUL/  
Bolsista FCT/Uniarq  
caterinacosteira@  
gmail.com

\*\* Município  
de Redondo  
rmataloto@gmail.com

# Gestos do simbólico, I: “ídolos”, idoliformes, figuras e representações do “sagrado”(?) nos povoados dos IV/III milénios a.n.e. de São Pedro (Redondo)

---

Catarina Costeira\*  
Rui Mataloto\*\*

*“Com efeito, eu mesmo recebi do Senhor o que  
vos transmiti: na noite em que foi entregue, o  
Senhor Jesus tomou o pão e, depois de dar gra-  
ças, partiu-o e disse: “Isto é o meu corpo, que  
será entregue por vós; fazei isto em memória de  
Mim.”.*

**São Paulo, Primeira epístola aos Coríntios 11, 23**

**Resumo** Este trabalho pretende ser o primeiro avanço sobre um conjunto de realidades relacionadas usualmente com o mundo do sagrado das comunidades pré-históricas, documentado nos povoados de São Pedro. Pretende-se apenas apresentar a descrição e categorização dos ídolos e figurações passíveis de serem integradas nesta categoria de difícil enquadramento, intentando-se depois uma breve síntese integradora da sua presença no local e na região. O conjunto dos gestos do simbólico será posteriormente apresentado em trabalho autónomo.

**Abstract** This paper aims to be the first breakthrough on a set of artifacts usually related to the sacred of prehistoric communities, documented in the settlement of São Pedro. It is intended only to present the description and categorization of idols and figurations that can be included in this category, after this we will try a brief overview of its presence on site and the region.

## Os elementos do simbólico: introdução

Neste trabalho apresenta-se e problematiza-se um conjunto de materiais cerâmicos que nos remetem para manifestações artísticas e simbólicas das comunidades que viveram nos diferentes povoados de São Pedro entre o final do IV milénio a.n.e e grande parte do III milénio a.n.e.

Dada a manifesta dificuldade em abordar-mos num mesmo artigo o conjunto de “gestos do simbólico” dos povoados do São Pedro incidiremos neste trabalho apenas numa parte de uma realidade mais vasta, diversa e complexa que, contudo, achamos que deve ser lida em conjunto. Organizámos estes elementos em quatro grupos, nomeadamente o das peças comumente designadas por “ídolos” (termo algo exagerado para muitos dos exemplares em análise), o único tratado neste trabalho, o da cerâmica decorada (neste grupo incluímos todos os tipos de decoração e não somente a “decoração simbólica”), os contextos dos recipientes fragmentados em conexão e o das pedras com covinhas, que serão tratados em trabalhos futuros.

A análise aqui apresentada centra-se na caracterização morfo-tipológica dos designados “ídolos” ou idoliformes e da sua decoração, enquadrando-a nos contextos e fases de ocupação do sítio de São Pedro. O significado destes elementos é problematizado tendo em atenção as suas características, o contexto e a cronologia em que se inserem, bem como as principais propostas interpretativas vigentes. Este conjunto de materiais foi primeiramente apresentado no âmbito do *VIII Encontro de Arqueologia do Sudoeste Peninsular* (Costeira & Mataloto, no prelo).

### O sítio de São Pedro: localização e intervenções arqueológicas

O sítio de S. Pedro localiza-se no Alentejo Central, distrito de Évora, freguesia e concelho de Redondo, num cerro destacado de vertentes íngremes e topo aplanado, com afloramentos rochosos de xisto, que se elevava na margem nascente da planície central de Redondo, adjacente à aba sul da Serra d'Ossa (Fig. 1).

A ocupação calcolítica do cabeço de São Pedro foi referida pela primeira vez por Manuel



Fig. 1 – Localização do sítio de São Pedro no sudoeste peninsular.

Calado, que lhe atribui um importante papel no estudo do povoamento do IV/III milénios a.n.e. na região da Serra d'Ossa (Calado, 1995, 2001).

Entre 2004 e 2009, coordenado por um de nós (RM), desenrolou-se um extenso programa de escavação prévio à construção da circular externa de Redondo, que exigia a destruição de grande parte do sítio arqueológico. A intervenção arqueológica decorreu em quatro campanhas, resultando na escavação integral de uma área de cerca de 2000 m<sup>2</sup>, que corresponderá a cerca de 2/3 da área ocupada, o que permitiu recuperar uma grande quantidade de informação estratigráfica e arquitectónica do sítio. A área de escavação foi ordenada em seis sectores, de A a F, para orientar a abordagem no terreno, simplificar a organização da informação e permitir a rápida localização das estruturas e materiais. Estes sectores não têm significado funcional, nem leituras estratigráficas específicas.

Ao longo dos últimos 10 anos, o sítio arqueológico de São Pedro tem sido alvo de diversos estudos, sendo longa a lista de artigos publicados, sobre a sequência de ocupação do sítio, baseados essencialmente nos resultados das primeiras campanhas de escavação (Mataloto & alii, 2007, 2009; Mataloto, 2010; Mataloto & Müller, no prelo), contextos específicos (Mataloto & alii, 2015), estudos de faunas (Davis & Mataloto, 2012) e artefactuais (Costeira, 2010, 2012; Costeira & Mataloto, 2013; Costeira & alii, 2013; Nukushina & alii, no prelo), alguns dos quais integrados num projeto de doutoramento em desenvolvimento por um de nós (CC).

Fig. 2 – Vista geral do sítio de São Pedro durante os trabalhos, com indicação dos setores. O setor F surge já com os anteriores desmantelados.



### Os povoados de São Pedro

Os trabalhos de escavação permitiram recuperar os vestígios estruturais e artefactuais de longas, dinâmicas e diversificadas ocupações pré-históricas, que se terão desenrolado entre o final do IV milénio e grande parte do III milénio a.n.e. no topo do cabeço de São Pedro. De facto, não interpretamos este sítio como um povoado único, com uma história linear de fundação, expansão, declínio e abandono, mas como uma multiplicidade de povoados com dimensões, arquiteturas e tempos diferentes. Duas destas ocupações caracterizam-se pela construção e utilização de estruturas de fortificação distintas, que marcam a análise da história do cabeço de São Pedro (Figs. 2 e 6). O faseamento proposto decorre, essencialmente, dos atos de construção, reconstrução e abandono das grandes estruturas de fortificação do sítio.

A primeira fase de ocupação do cabeço de São Pedro ter-se-á desenvolvido entre os finais do IV e os inícios do III milénio a.n.e., não tendo sido identificada qualquer estrutura de delimitação. A visibilidade arquitetónica e artefactual desta fase é fortemente condicionada pelo dinamismo das ocupações posteriores, que condicionaram a preservação dos seus vestígios. Os principais indícios desta fase referem-se à presença de depósitos arqueológicos, estruturas negativas sob a primeira fortificação e à identificação de um conjunto cerâmico em que predominam as formas esféricas e globulares lisas, algumas com elementos mamilares, e as taças carenadas, sendo reduzidas (mas não totalmente ausentes) as formas espessadas e os pratos, características típicas dos sítios com

ocupações desta cronologia no Alentejo Central (Calado, 2001; Mataloto, 2010).

Esta primeira ocupação aberta termina, segundo cremos, durante o primeiro quartel do III milénio a.n.e., quando se documenta a construção de uma ampla estrutura pétrea de fortificação que marca uma profunda mudança arquitetónica e espacial do sítio. Não é possível determinar se esta nova forma de configuração do espaço resulta da continuidade da ocupação anterior ou se é uma fundação de raiz, após um momento de abandono.

A construção, utilização com diversas transformações e remodelações, e abandono da primeira fortificação do sítio de São Pedro deverá ter-se desenrolado entre os finais do 1.º e os inícios do 2.º quartel do III milénio a.n.e. (Mataloto & Boaventura, 2009; Mataloto & Müller, no prelo).

Esta primeira fortificação apresenta uma planta poligonal, aproximadamente trapezoidal, delimitando um espaço de cerca de 800 m<sup>2</sup>, podendo ser considerada uma estrutura de dimensão intermédia, quando comparada com outros povoados fortificados do sul peninsular (Figs. 2 e 6).

Na área intervencionada identificaram-se cinco tramos de muralha, rectilíneos, com cerca de 10 m de comprimento cada, por 2 m de largura, constituídos por lajes de xisto de calibre diverso e blocos de quartzo e granito, utilizando-se principalmente a técnica do duplo paramento. Pelo exterior, a muralha apresenta vários elementos proeminentes: bastiões maciços e outros ocos, de menores dimensões. Num primeiro momento de utilização desta estrutura, erguiam-se dois bastiões ocos a sul e um a nordeste, unindo os dois tramos da muralha,

reforçando um canto topograficamente sensível; a norte, na área de maior declive, implantavam-se dois grandes bastiões semicirculares maciços, de maior envergadura (com diâmetro máximo de cerca de 6 m).

Igualmente no lado norte, paralelo à muralha, identificou-se um muro, com cerca de 14 m de comprimento e 1 m de largura. A interpretação desta estrutura não é ainda definitiva, no entanto, a sua contemporaneidade parcial relativamente a muralha coloca a hipótese de se tratar de uma estrutura de fortificação secundária, a modo de barbacã, que poderá reforçar a área de menor declive do cabeço de São Pedro. No lado este, apesar do mau estado de conservação da muralha, identificou-se uma porta simples e estreita, que poderá ser a única entrada do povoado (Costeira & Mataloto, 2013).

Posteriormente, a face sul da muralha sofreu uma forte remodelação, com a substituição de alguns dos seus troços e das torres ocas, por outras maciças de menores dimensões. As novas construções sobrepõem-se aos derrubes pétreos resultantes do desmantelamento das estruturas anteriores, como se pode observar na planta da Fig. 6. Estas transformações não alteram significativamente a morfologia da fortificação nem a dimensão do povoado, podendo por isso relacionar-se mais com a necessidade de manutenção das estruturas do que com alterações na estratégia defensiva.

Na área interior registaram-se duas estruturas de planta circular com espessos embasamentos de pedra de xisto de calibre diverso, que deveriam desenvolver-se em altura. A estrutura [345], de maiores dimensões (cerca de 6 m de diâmetro), localiza-se na área central, apresentando características arquitetónicas semelhantes às torres ocas das muralhas. A relação desta estrutura com a fortificação não exclui a possibilidade de ter outras funções, nomeadamente domésticas.

No interior da área murada identificou-se outra estrutura de planta circular, de embasamento pétreo em xisto, para além de diversos indícios que nos apontam para a presença de estruturas em materiais perecíveis, como buracos de poste, estruturados por lajes de xisto, e revestidas por barro cozido com marcas de ramagens. Para além destas documentaram-se múltiplas estruturas negativas com diferentes morfologias, dimensões e funções (armazena-

gem, amortização de materiais, entre outras). A par dos vestígios destas estruturas, a identificação de um conjunto artefactual (em estudo) muito vasto e diversificado, principalmente no que se refere às categorias de elementos cerâmicos e líticos, bem como ao seu elevado estado de fragmentação, permite defender que o espaço delimitado foi utilizado para a vivência quotidiana prolongada de uma comunidade humana relativamente estável e alargada (Mataloto, 2010, p. 279).

Esta ampla estrutura fortificada terá sido desativada no início do 2.º quartel do III milénio a.n.e., sendo mais uma vez difícil de aferir se ocorreu um abandono efetivo do cabeço de São Pedro ou se a sua ocupação continuou com a mutação arquitetónica e a reformulação espacial.

Na análise da sequência estratigráfica do cabeço de São Pedro identificam-se poucos indícios de uma ocupação posterior ao abandono e desmantelamento das estruturas do primeiro povoado fortificado, cujos alicerces e elementos pétreos reaproveita, mas anterior aos níveis de ocupação do segundo povoado fortificado. As principais evidências desta terceira ocupação consistem na identificação de vestígios de uma lareira, de algumas estruturas negativas, de diversos buracos de poste estruturados e de uma estrutura de planta rectangular com embasamento de xisto, localizando-se principalmente na vertente norte. A fraca visibilidade arquitetónica e o impacto construtivo das edificações desta fase tornam difícil de individualizar os espaços, estruturas e limites temporais desta ocupação.

Dentro do segundo quartel do III milénio a.n.e. o cabeço de São Pedro sofre nova grande reformulação arquitetónica com a edificação de estrutura de fortificação, completamente distinta da anterior e muito provavelmente edificada a partir do desmantelamento das estruturas pré-existentes.

Esta última estrutura de fortificação apresenta uma planta subcircular, limitando um espaço de cerca de 300 m<sup>2</sup> na área central do topo da elevação. Pelo exterior, a muralha apresenta um conjunto de torres ocas, que se sucederam ao longo do tempo de utilização da estrutura, sem que as suas modificações tenham alterado significativamente a planta global. Assim, num primeiro momento erguiam-se duas torres ocas semicirculares a este e nordeste, edificando-se depois uma pequena torre maciça a sudeste.



Por fim, a estrutura de fortificação sofreu uma remodelação mais expressiva, com a construção de duas novas torres a sul e a este, o que terá coincidido com a desativação da torre maciça (Figs. 2 e 6). No interior localizaram-se duas grandes estruturas de planta circular, de paredes espessas e cerca de 6 m de diâmetro máximo, podendo ser consideradas torres, em cujo interior se desenvolveram atividades de cariz habitacional. A presença destas duas estruturas de grandes dimensões restringia amplamente o espaço interior, desenvolvendo-se, por isso, a área habitacional e de atividade principalmente no exterior da fortificação, atendendo ao elevado número de vestígios de construções em materiais perecíveis aí documentado.

Em meados do III milénio a.n.e., esta fortificação terá sido desativada, sem que se registem indícios de abandono violento ou repentino.

A última ocupação do cabeço de São Pedro (fase V) pode subdividir-se em dois momentos distintos. O primeiro caracteriza-se pela presença de várias cabanas de planta circular com embasamento pétreo, com cerca de 4 m de diâmetro, que se encontram dispersas pela área intervencionada. Uma destas estruturas destaca-se das restantes pela sua robustez e dimensões (cerca de 6 m de diâmetro exterior) e por se localizar numa área central, sobrepondo-se aos derrubes das torres centrais dos anteriores povoados fortificados, o que lhe parece conferir algum destaque na estruturação do espaço (Mataloto & *alii*, 2015). O conjunto artefactual associado a esta ocupação do cabeço de São Pedro apresenta características típicas das ocupações do final do III milénio a.n.e., com a presença de um pequeno conjunto de cerâmica campaniforme incisa (Mataloto & *alii*, 2015).

No segundo momento desta ocupação, após o abandono das cabanas, construiu-se uma estrutura pétreo, de morfologia circular, que parecia acompanhar o traçado da última muralha. A edificação desta estrutura poderá ter um significado simbólico, de selar e/ou evidenciar um espaço que deixou de ser habitado (Mataloto, 2010).

A forte dinâmica de construção, utilização e desativação das estruturas domésticas e de fortificação do cabeço de São Pedro condiciona todo o processo de formação da realidade estratigráfica, impondo a raridade dos

contextos primários de rejeição e a dificuldade na identificação de deposições intencionais de materiais. Este dinamismo condicionou bastante o estado de conservação do conjunto material, nomeadamente das categoriais em análise, que submetido a intensas remobilizações, se apresenta largamente fragmentado, parcelar e disperso.

Ao longo do III milénio a.n.e., registaram-se transformações arquitetónicas e estruturais nos povoados de São Pedro, e também modificações no conjunto artefactual, nomeadamente nos recipientes em cerâmica (Mataloto & *alii*, 2015) e nos componentes de tear (Costeira, 2010; Costeira & Mataloto, 2013), ao nível tecnológico, morfológico e decorativo (Costeira & *alii*, 2013), o que poderá evidenciar inovações técnicas, diferentes necessidades funcionais e mudanças nos hábitos culturais. A constatação destas transformações, nem sempre quantitativamente significativas, face às características perenes, exigem uma interpretação mais dinâmica das comunidades que viveram no cabeço de São Pedro. Na análise dos elementos simbólicos identificados procuraremos evidenciar as suas transformações ao longo da diacronia.

### Os “ídolos”: abordagem geral

O termo “ídolo” é, em si, desde logo ambíguo, correspondendo a sua origem no grego simplesmente a “imagem”, conhecendo atualmente a sua aceção religiosa apenas como imagem à qual se presta culto, enquanto representação da divindade. Deste modo, pode utilizar-se para designar um conjunto variado de representações elaboradas na Pré-História em matérias-primas diversificadas (argila, osso e diferentes tipos de líticos), que apresentam características morfológicas e decorativas, a maioria das quais muito esquemáticas, passíveis de ser atribuídas a figurações simbólicas das divindades.

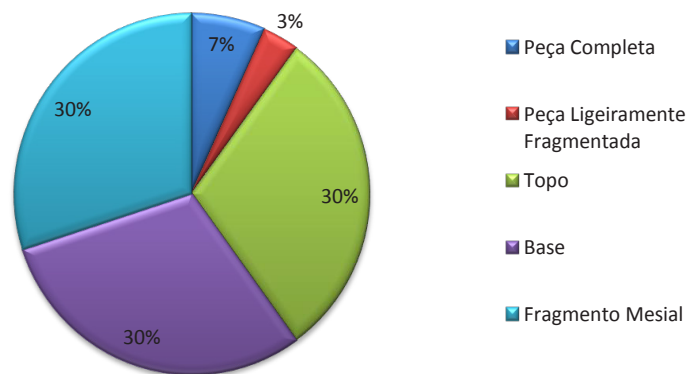
Julgamos conveniente assinalarmos aqui um aspecto fundamental das sociedades ágrafas, como as que aqui tratamos: estas são sociedades essencialmente metonímicas, como nos refere Olson (1996, p. 33), nas quais a parte, ou a representação do ser é parte do mesmo, e não apenas a sua representação, ou metáfora, como acontece nas sociedades com escrita. Na

realidade, mesmo nessas tal pode ocorrer, caso das comunidades católicas em que durante as celebrações eucarísticas se reproduz um dos símbolos cimeiros das expressões metonímicas religiosas, quando se diz, como Jesus tomando o pão, “*Tomai todos e comei: isto é o meu Corpo que será entregue por vós*” (Mateus, 26: 26).

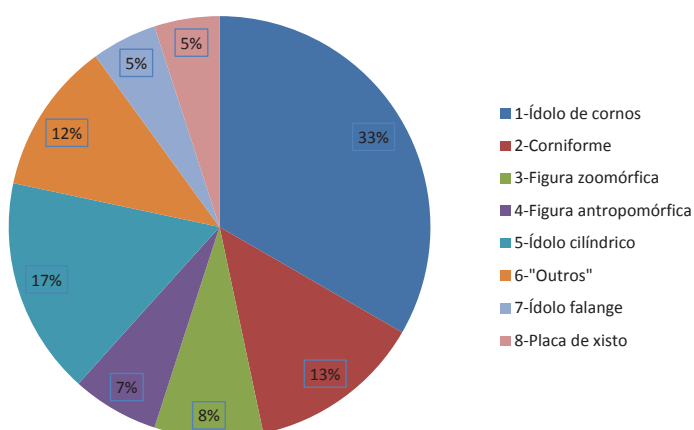
Os ídolos ou as representações simbólicas apresentam com frequência traços normalmente antropomórficos, zoomórficos, híbridos ou completamente abstractos ao nosso entendimento. De facto, há um conjunto de formas e decorações que se repetem noutros tipos de manifestações, como a decoração de recipientes cerâmicos e mesmo na arte parietal, todavia, consideramos que o conceito de “ídolo” tende a ser utilizado de forma algo excessiva, remetendo para todo o tipo de artefactos que, pelo seu estado de fragmentação ou morfologia *sui generis*, não se enquadra facilmente nas nossas categorias morfo-funcionais. Temos consciência que este termo faz parte da tradição vocabular da arqueologia ibérica, e por isso será muito difícil contorná-lo, no entanto, consideramos, como outros autores (Escoriza, 1991–1992, pp. 135–136; Pajuelo & Aldana, 2001, pp. 232–234; Hurtado, 2010, p. 139, Valera & Evangelista, 2014, pp. 286–287), que seria importante substituí-lo por termos menos comprometidos que permitissem outro tipo de abordagens. Esta postura não significa que recusemos a presença de manifestações e representações religiosas nas comunidades neolíticas/calcolíticas. Apesar das fragilidades inerentes à ambiguidade do termo e à dificuldade de assumirmos uma qualquer representação pré-histórica das divindades, continuaremos a utilizar o termo “ídolo”, por reconhecermos que este se encontra fortemente arreigado na comunidade arqueológica ibérica, e cremos ser inconsequente avançar com qualquer outra designação que não seja fundamentada numa reflexão alargada. Na realidade, cremos que, no conjunto em estudo, temos uma agregação múltipla de objetos, que tanto podem oscilar entre as verdadeiras representações dos deuses, isto é “ídolos” propriamente ditos, amuletos ou, mesmo, brinquedos entre outras possibilidades ainda imperceptíveis para o nosso quadro conceptual de análise.

No sítio de São Pedro, o conjunto de artefactos passível de ser integrado no que tradicionalmente se designa por “ídolos” é composto por

## Estado de Conservação dos Ídolos



## Tipos de Ídolos



55 elementos em cerâmica, dois em osso e três em pedra (xisto), a maioria dos quais muito fragmentados, uma vez que apenas quatro são integralmente reconstituíveis, o que dificulta a sua análise morfológica e interpretativa (Fig. 3).

Na análise tipológica destes materiais, seguimos alguns dos critérios utilizados por Hurtado (1979–1980, 2010), Gonçalves (1989), Cardoso (2009), Valera (2012, 2013; Valera & Evangelista, 2014; Valera & alii, 2014) e Rodrigues (2013), para termos a possibilidade de comparar o nosso conjunto com o de outros sítios arqueológicos. Apesar da diversidade e do estado de fragmentação dos elementos do nosso conjunto, conseguimos identificar oito tipos de “ídolos”, representados no gráfico da Fig. 4. É importante salientar que as designações

Fig. 3 – Representação do estado de conservação dos “ídolos” provenientes dos povoados de São Pedro.

Fig. 4 – Representação dos tipos de ídolos identificados nos povoados de São Pedro.

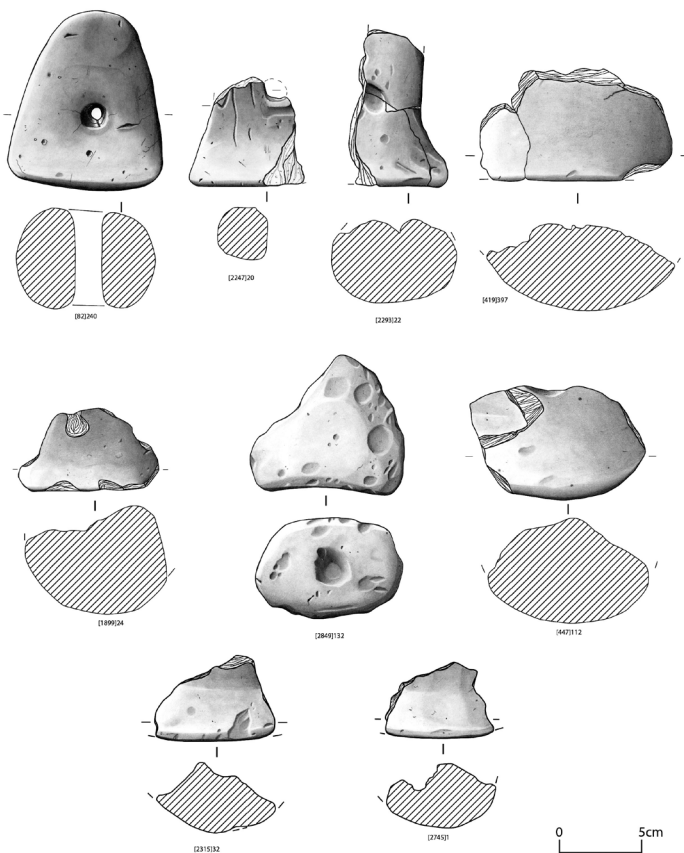


Fig. 5 – “Ídolos de Cornos” de São Pedro.

que utilizamos nas diferentes categorias não seguem os mesmos critérios classificatórios, uma vez que algumas remetem para o tipo de matéria-prima (ídolo-falange), outras para a morfologia genérica (ídolo-placa, ídolo cilíndrico) e outras para a figura ou ideia representada (figura zoomórfica, figura antropomórfica, ídolo de cornos, corniforme). Esta diversidade de critérios explica-se pela tentativa de manter os termos mais comuns na bibliografia arqueológica, por forma a facilitarmos o seu enquadramento semântico dentro das categorias, evitando criar mais ruído. Por outro lado, com morfologias tão diversas e esquemáticas, difíceis de uma interpretação consensual, torna-se problemático organizar todas as peças partindo de um quadro analítico. No entanto, como forma de ultrapassar esta diversidade de critérios de análise, procuraremos criar grupos temáticos com alguma homogeneidade, começando por apresentar as peças que remetem para figuras/características zoomórficas, seguidas das que representam elementos antropomórficos e por último o conjunto das “outras peças”.

É igualmente importante salientar que esta não deve ser entendida como uma proposta fechada, uma vez que não podemos excluir a possibilidade de no futuro associarmos alguns destes objetos a outros significados e/ou funcionalidades.

### “Ídolos de cornos”? E corniformes

Identificámos vinte elementos passíveis de serem integrados na categoria tradicionalmente designada por “ídolos de cornos”, sendo o grupo mais representado no conjunto, com 33% do total. Estas peças encontram-se muito fragmentadas, registando-se quinze fragmentos de base, três fragmentos mesiais e apenas duas peças inteiras (Fig. 5).

Apesar da dificuldade na reconstituição morfológica da maioria dos exemplares, é possível afirmar, a partir das características analisadas, que estas peças apresentam morfologias cónicas, bases tendencialmente aplanadas, topos arredondados e uma perfuração central, cujo diâmetro varia entre os 1,3 e os 2,0 cm. Em termos quantitativos e morfológicos, este conjunto apresenta grandes semelhanças com o recuperado no povoado de Castillejos, Badajoz (Cerrillo, 2006; Cerrillo & *alii*, 2010, p.441) e com os fragmentos identificados nos Perdigões (Lago & *alii*, 1998, Valera, 2010, p. 24).

No que se refere à análise tecnológica, os ídolos de cornos do São Pedro apresentam pastas homogéneas, maioritariamente compactas, com frequentes componentes não plásticos de calibre diverso e superfícies tendencialmente alisadas, registando-se apenas 8 elementos com superfícies rugosas (Fig. 9). As cozeduras são tendencialmente oxidantes, não se registando marcas de fogo em nenhum dos exemplares analisados. Nos fragmentos [2247] 20 e [2315] 32, identificou-se a presença de traços incisivos, localizados próximo da perfuração, não sendo possível reconstituir o motivo decorativo que compunha, mas será eventualmente afim das usualmente designadas “tatuagens faciais” (Fig. 5). Estas decorações, algo irregulares, assemelham-se bastante às registadas em Castillejos (Cerrillo & *alii*, 2010, fig. 6, p. 441), e igualmente aos motivos decorativos identificados nos exemplares inteiros de Vila Nova de S. Pedro, Azambuja (Arnaud & *alii*, 2005), interpretadas como tatuagens faciais. É

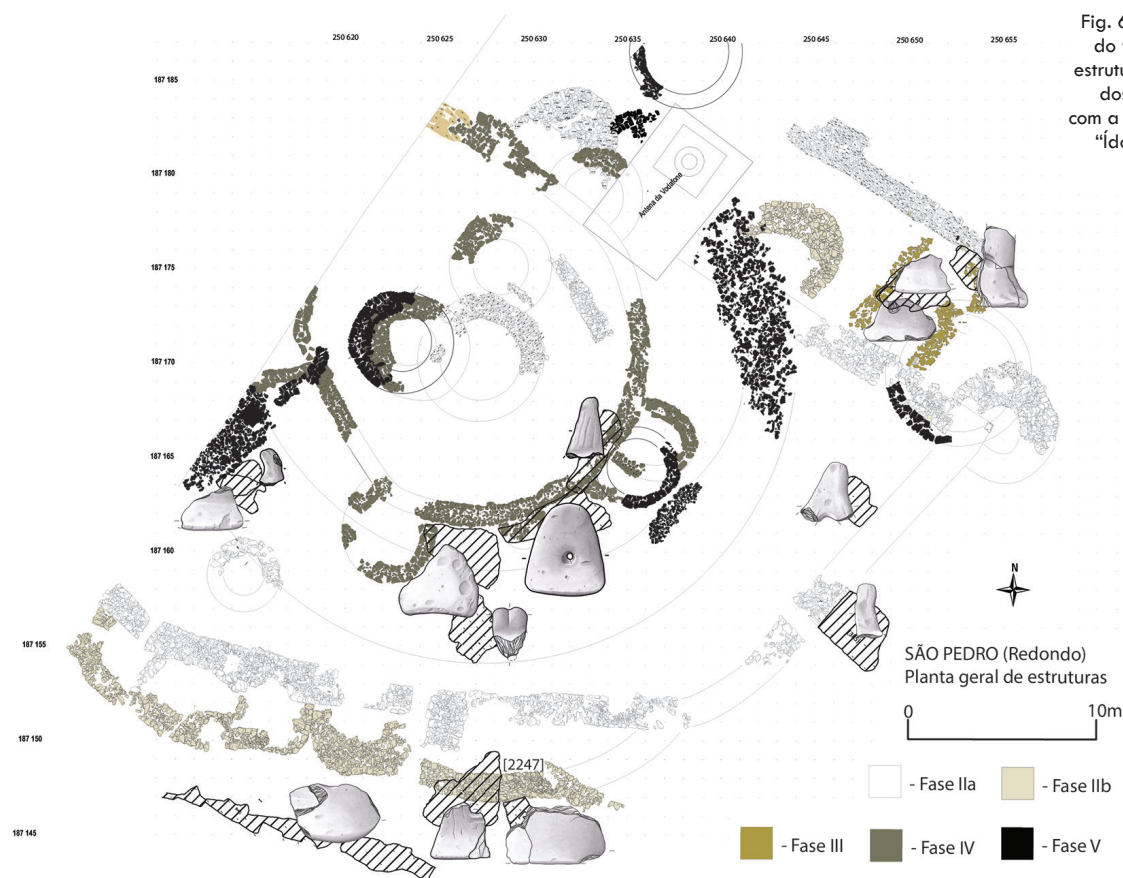


Fig. 6 – Planta geral do faseamento das estruturas dos povoados de São Pedro, com a distribuição dos “Ídolos de Cornos”.

igualmente importante referir que no Monte da Quinta 2 se identificaram alguns fragmentos de “ídolos de cornos” decorados com traços incisivos verticais (Valera & *alii*, 2006, p. 294), que dificultam a interpretação tradicional destes motivos. A peça [2293] 22 não tem perfuração, mas apenas a sua sugestão (Fig. 5), facto que também se regista no exemplar do povoado vizinho do Monte da Ribeira, reproduzido na Fig. 12 (Gonçalves, 1989; Calado, 2001, estampa 29). A interpretação funcional e a designação destas peças têm suscitado o debate na comunidade arqueológica peninsular, entre os partidários da sua utilidade prática, associada a estruturas de combustão (como suportes de lareira ou “morillos”), podendo nessa função ter conotações simbólicas (Cardoso, 2003, p.78) e aqueles que os interpretam como artefactos exclusivamente simbólicos, associados a representações da “deusa-mãe” (Gonçalves, 1989; Gonçalves & *alii*, 2003, pp. 137–138), ou a representações antropomórficas (Martínez & García, 2009, p. 117; Rodrigues, 2013). A presença das mencionadas decorações, afins das designadas “tatuagens faciais”, é um forte

argumento para a sua associação a representações de fundo antropomórfico, na justa medida em que estas estão bem representadas como tatuagens faciais nas figuras antropomórficas masculinas de marfim, e não só, registadas no povoado dos Perdigões (Valera & Evangelista, 2014), estando bem documentadas em todo o sul peninsular.

É importante, desde logo, salientar que a designação “ídolos de cornos” tende a ser utilizada para denominar artefactos que apresentam alguns traços morfológicos e tecnológicos em comum, mas que têm uma miríade de formas e características diversificadas. Com efeito, há peças que têm uma morfologia cilíndrica ou troncocónica, sem nenhum tipo de decoração, nas quais é mais difícil descortinar qualquer representação simbólica, registando-se em alguns exemplares atributos que permitem a sua utilização como suportes de recipientes, como se verifica no conjunto do Monte da Quinta 2 (Valera & *alii*, 2006, p. 294); no entanto, outras peças apresentam morfologias mais complexas, que nalguns casos podem remeter para representações zoomórficas ou



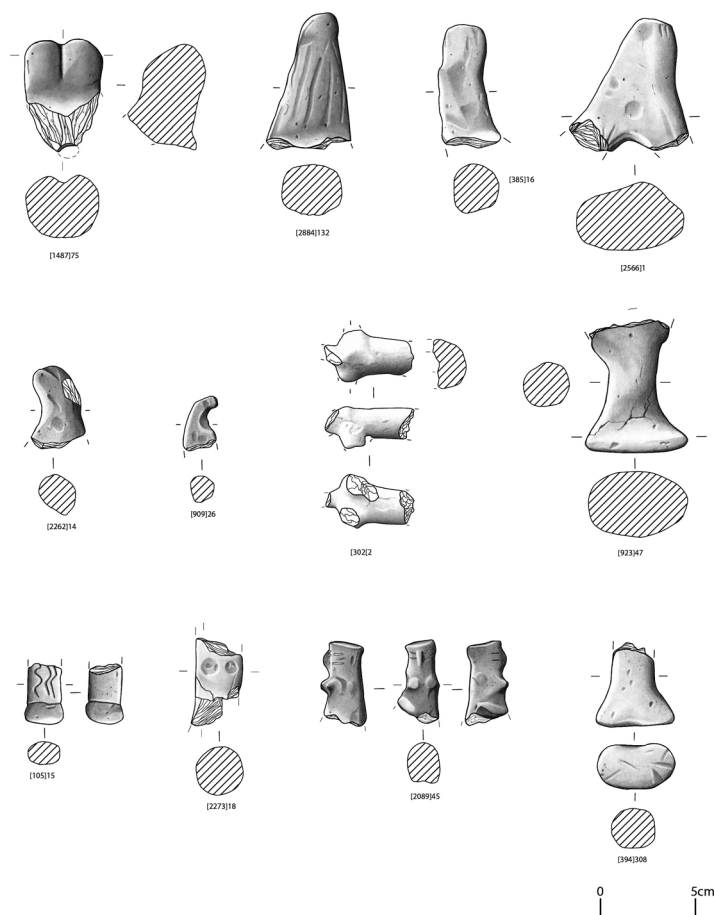


Fig. 7 – Corniformes, figuras zoomórficas e antropomórficas dos povoados de São Pedro.

antropomórficas, como o ídolo do Possanco, Comporta (Ribeiro & Sangmeister, 1967), a “Diosa del Chorrillo Bajo”, Lorca, a figura de Alcolea, Córdoba (Martínez & García, 2009) e algumas das peças identificadas na Ponte da Azambuja 2, Évora (Rodrigues, 2013). É igualmente importante referir que em La Pijotilla se identificaram peças com morfologias semelhantes às analisadas, mas elaborados em mármore, o que poderá consistir em mais um argumento a favor do carácter simbólico destes artefactos (Hurtado, 1984).

As características morfológicas das peças aqui em estudo dificilmente remetem para elementos “corniformes”, ou para representações abstractas de bovinos. Para além disso, a presença de decorações incisadas, similares às designadas “tatuagens faciais” em alguns exemplares é fraco argumento à sua interpretação como objeto exclusivamente simbólico, uma vez que estas mesmas decorações surgem noutros artefactos cerâmicos, não anulando a sua funcionalidade. De igual modo, a sua identificação preferencial em povoados, a sua expressão

quantitativa e a presença de uma perfuração central (em muitos dos exemplares), podem ser argumentos válidos para a sua interpretação funcional, ainda que esta seja difícil de determinar com os dados disponíveis. Nos povoados de São Pedro estas peças não se associam a estruturas de combustão, nem apresentam marcas de fogo, o que a par das suas características morfológicas, nomeadamente os topos tendencialmente arredondados, e dimensões reduzidas, não se adequam, de forma linear, à sua interpretação como suportes de lareira, o que não obsta a que possam ter tido uma qualquer função prática quotidiana, não isenta de simbolismo.

Estas peças registam uma presença significativa nas ocupações mais antigas (I/II), principalmente associadas ao primeiro terço do III milénio a.n.e., identificando-se apenas dois fragmentos e um ídolo inteiro em contextos associados às fases IV/V (Fig. 11). O enquadramento cronológico destas peças está em sintonia com a proposta apresentada por Manuel Calado para os contextos da Serra d’Ossa (Calado, 2001, p. 103), bem como com a cronologia proposta para os exemplares de Leceia (Cardoso, 2006, p. 23) e do Monte da Quinta 2 (Valera & *alii*, 2006).

Em termos micro-espaciais, os “ídolos de cornos” surgem maioritariamente nos setores C e D (Fig. 6), estando completamente ausentes na área mais central do sítio (setor A). Estes artefactos surgem relativamente dispersos no sítio de S. Pedro, o que também parece ocorrer em Castillejos (Cerrillo & *alii*, 2010, p. 441). No entanto, não deixa de ser interessante verificar que se localizam preferencialmente em áreas periféricas e fora do espaço habitacional central durante as fases mais antigas.

Agrupámos oito peças, todas fragmentadas, sob a designação de “corniformes” por apresentarem morfologias variadas, de secções tendencialmente circulares, com os topos arredondados ou angulosos, por vezes com uma ligeira bipartição, como a peça [1487] 75, que lhe confere cariz vagamente fálico (Fig. 7). Esta peça apresenta também vestígios de uma perfuração localizada na área mesial que reforça a sua interpretação como a parte superior de “ídolo de corno”. Na peça [2884] 132 regista-se a presença de linhas incisadas profundas em todas as suas faces (Fig. 9), semelhantes à decoração de alguns “corniformes” da Ponta

da Passadeira (Soares, 2013a). Todos os “corniformes” do sítio de São Pedro estão fragmentados, o que impossibilita a reconstituição total da morfologia da peça, dificultando a comparação com outros contextos e a sua interpretação funcional ou simbólica como representação de figuras coroplásticas zoomórficas (eventualmente bovinos). Joaquina Soares interpreta o conjunto de “corniformes unicórnios” identificado em contextos próximos de lareiras no povoado da Ponta da Passadeira como suportes de recipientes utilizados na produção de sal (Soares, 2013a). O desenho destes materiais permite identificar características semelhantes a algumas peças do nosso conjunto, todavia, sem uma descrição mais pormenorizada e sem dados métricos é difícil comparar os materiais dos dois sítios.

Alguns dos fragmentos integrados nesta categoria apresentam morfologias muito irregulares, como o exemplar [385] 16, todavia as características da pasta, cozedura e tratamento de superfície aproximam-se das registadas no conjunto dos “ídolos de cornos” (Fig. 7). Os “corniformes” identificaram-se maioritariamente em unidades estratigráficas localizadas nos setores B e D, não estando associadas a estruturas de combustão. No que se refere ao faseamento, a maioria destes contextos integra-se na fase II, registando-se alguns contextos das fases III e IV (Fig. 11).

### Figuras zoomórficas

No conjunto de materiais em estudo, consideramos que as peças [302] 2; [909] 26 e [2262] 14, apesar do seu estado de fragmentação, consistem em figuras zoomórficas de pequenas dimensões (Fig. 7). A figura [302] 2 parece representar a cabeça e os membros dianteiros fragmentados de um animal quadrúpede, a peça [909] 26, igualmente fragmentada, apresenta um topo ligeiramente anguloso e um perfil esguio, assemelhando-se às representações de pássaros identificadas nos *tholoi* 1 e 2 dos Perdigões (Valera & *alii*, 2014, p. 25) e no povoado de Vila Nova de S. Pedro (Arnaud & *alii*, 2005). A peça [2262] 14 caracteriza-se por ter um topo anguloso, perfil esguio, e alguns traços incisivos, que parece representar a cabeça de um animal, semelhante à identificada na Anta da Oliveira 1 (Leisner & Leisner,

1959) e a uma das peças recolhidas nos Perdigões (Valera & *alii*, 2014, p. 27, Estampa 7, fig. 3). A parte basal desta peça é aplanada e regular, o que sugere que poderia estar associada a uma forma mais complexa.

A figura [302] 2 surge no interior de uma estrutura negativa de pequenas dimensões, localizada no setor B, possivelmente enquadrada no povoado da fase IV. A figura [909] 26 é proveniente de um depósito localizado no setor D, associado às primeiras fases de ocupação do sítio (I/II).

O fragmento [923] corresponde a uma base de morfologia oval e aplanada, ligeiramente alongada (5,2 cm de largura) e a uma área mesial mais estreita (2,5 cm de largura), que alarga junto à fratura (4,5 cm de largura). Esta peça apresenta uma pasta compacta, com componentes não plásticos muito frequentes, de pequena, média e grande dimensão e superfícies alisadas. O seu estado de conservação torna complexa a sua interpretação. Se por um lado a sua morfologia parece aproximar-se de algumas representações antropomórficas estilizadas, por outro, as características regulares da fratura (que parece ter descolado de uma superfície) e a identificação de uma ligeira inflexão na área mesial da peça colocam a hipótese de se tratar da representação de um membro inferior de um animal quadrúpede (Figs. 7 e 9), com algumas semelhanças com as figuras de suínos identificadas em Leceia (Cardoso, 2009, pp. 75–76). Esta peça surge num dos enchimentos da estrutura negativa [1033], que se caracteriza por apresentar uma morfologia elíptica bastante irregular, localizando-se na área norte do sítio (setor D), junto a outras estruturas semelhantes. Estas estruturas e os seus enchimentos enquadram-se nas primeiras fases de ocupação do sítio de São Pedro (fases I/II).

A peça [2566] 1 apresenta o topo arredondado (3,5 cm de largura) e o corpo alongado, dividido em duas partes, a base encontra-se fragmentada (Fig. 7). A morfologia desta peça é muito semelhante à peça Arq/VNSP/138 identificada no povoado de Vila Nova de São Pedro e interpretada como uma representação zoomórfica (Arnaud & *alii*, 2005, p. 213) e a uma das peças recolhidas nos Perdigões (Valera & *alii*, 2014, p. 22, fig. 2). Esta peça foi recolhida numa unidade estratigráfica localizada no setor B, enquadrada no povoado fortificado da fase II.

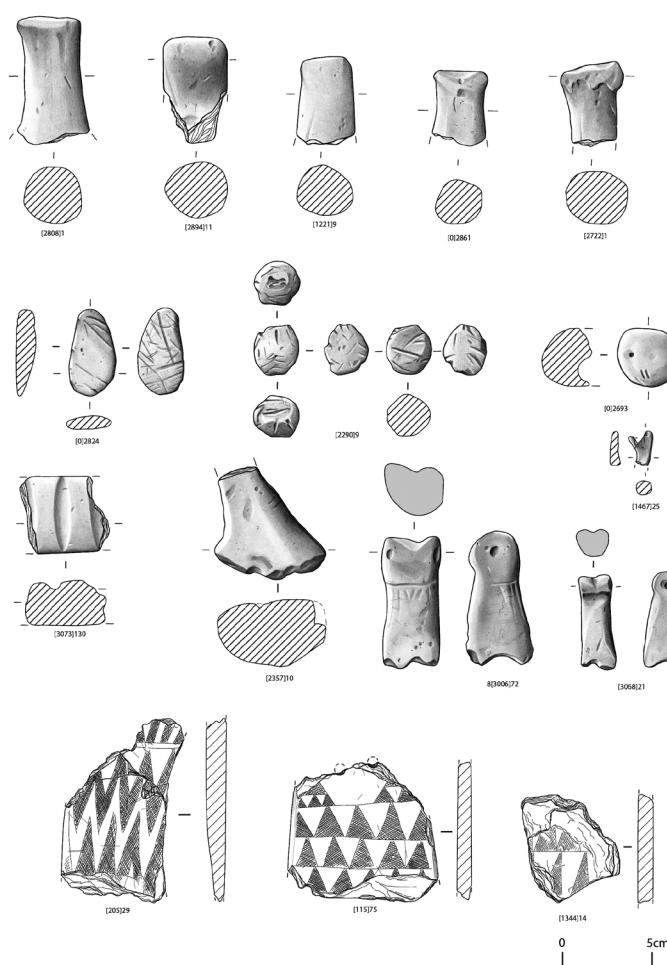


Fig. 8 – Bétilos ou ídolos cilíndricos, “ídeos” vários, falanges trabalhadas e placas de xisto gravadas de São Pedro.

### Figuras antropomórficas

O fragmento [105] 15 corresponde a uma peça de morfologia cilíndrica, com base arredondada e ligeiramente saliente e pequenas dimensões (largura do topo é 2,0 cm e a espessura média 1,3 cm). Esta peça apresenta uma pasta compacta com frequentes componentes não plásticos de reduzidas dimensões e superfícies rugosas (Figs. 7 e 9).

Na figura em análise identifica-se a presença de uma linha incisa que reforça a separação da base e do corpo, e várias linhas incisadas ondulantes orientadas na vertical, numa das faces. Esta decoração aproxima-se da representação dos cabelos identificada em muitas das figuras antropomórficas provenientes do povoado dos Perdigões (Valera & Evangelista, 2014) e da Pijotilla (Hurtado, 1979–1980, 1981). A morfologia e decoração desta peça permitem, assim enquadrá-la nas representa-

ções esquemáticas de figuras humanas.

A unidade estratigráfica de proveniência localiza-se no setor A, enquadrando-se na última fase de ocupação do sítio de S. Pedro (fase V). A peça [394] 308 apresenta uma base ovalada com ligeira depressão, com 4,1 cm de largura e corpo estreito de morfologia cilíndrica, e 2,0 cm de espessura máxima. No que se refere às características tecnológicas, esta peça apresenta uma pasta compacta, com frequentes elementos não plásticos de pequena, média e grande dimensão e superfícies alisadas. Na parte inferior da base identifica-se um conjunto de traços incisivos irregulares (Figs. 7 e 9). As suas características formais e métricas apresentam fortes semelhanças com as figuras identificadas em Porto Torrão (Rocha & alii, 2011) e Pijotilla (Hurtado, 1979–1980, pp. 169–170) nas quais se encontram representados os seios femininos, e com as figuras “ginemorfos” de Cabezo Juré (Nocete, 2004, p. 372), Valencina de la Concepción (Pajuelo & Aldana, 2013, pp. 509–512) e Marroquies Bajos (Sánchez & alii, 2005, p. 160, fig. V), em que se representam também os olhos e os cabelos ziguezagueantes (Fig. 12).

A unidade estratigráfica [394] localiza-se no setor C, enquadrando-se no povoado fortificado da fase II.

A figura [2089] 45 encontra-se fracturada, apresentando uma morfologia irregular, em tronco de cone com o topo ligeiramente aplanado e secção circular, cerca de 2,0 cm de espessura máxima e claros traços antropomórficos femininos (Fig. 7). Nesta peça encontra-se representada a face, com indicação do nariz, olhos e tatuagens faciais, reforçadas a pasta branca no lado esquerdo da peça, no qual se parece identificar ainda a orelha. Na área mesial, em posição central, encontram-se representados os seios. Esta peça apresenta uma pasta compacta com frequentes componentes não plásticos de pequena e média dimensão e superfícies rugosas. A cozedura ocorreu em ambiente redutor com arrefecimento oxidante (Fig. 9).

A morfologia geral e as suas reduzidas dimensões tornam-na facilmente manipulável. Consideramos importante salientar que as características da fractura colocam a hipótese da sua associação a uma peça mais complexa.

Esta figura inscreve-se claramente na iconografia calcolítica do sul peninsular, com raízes na

tradição mediterrânea neolítica, registando-se várias peças semelhantes noutros contextos de povoamento desta área (Fig. 12), como no Monte da Tumba (Silva & Soares, 1987), Monte Novo dos Albardeiros (Gonçalves, 1989; Gonçalves & Alfarroba, 2010), Sala n.º 1 (Gonçalves, 1987), Cerro dos Castelos de S. Brás (Pareira, 1983), ou Porto Torrão, em que a figura Pto/09. [1349].8027 apresenta um nariz com claras parecenças com a figurinha em análise (Rocha & *alii*, 2011).

Esta figura é proveniente de uma extensa unidade estratigráfica localizada no setor C, tendo sido recolhida com centenas de fragmentos de recipientes cerâmicos de diversas morfologias, o que nos remete para um contexto de rejeição e remobilização, sem evidências de intencionalidade na deposição dos materiais. A unidade estratigráfica [2089] enquadra-se num dos momentos da fase II.

A peça [2273] 18 é um fragmento mesial de pequenas dimensões, muito mal conservado, que apresenta secção circular. Numa das faces da peça identificam-se vestígios de duas depressões centradas, que colocamos a hipótese de constituírem representações de seios femininos, pela semelhança com o fragmento identificado no povoado do Mercador (Valera, 2013, pp. 307–310). De facto, a peça de São Pedro apresenta dimensões e fracturas semelhantes às registadas na peça do Mercador, sendo igualmente de notar a presença de um fina linha incisa próximo de um dos mamilos.

Esta figura é proveniente de uma unidade estratigráfica localizada no setor D, enquadrada no povoado da fase II.

### Bétilos ou ídolos cilíndricos

Identificaram-se dez fragmentos em cerâmica, dos quais seis correspondem ao topo e quatro a áreas mesiais, com morfologias cilíndricas, secções circulares e espessura máxima que varia entre 2,5 e 3,7 cm. Nas figuras [2808] 1; [2722] 1 e [0] 2861 o topo é aplanado e ligeiramente saliente face ao corpo, enquanto nos exemplares [1078] 1; [1221] 9 e [2894] 11 se regista uma continuidade entre as duas partes da peça (Figs. 8 e 9). Nenhuma das peças estudadas apresenta decoração. Gostaríamos, todavia, de realçar que a inserção de algumas delas nesta categoria não é clara, caso da peça [2808] 1



que, ao apresentar-se mais larga na base, na área da fratura (Fig. 9), poderá estar a indicar-nos que seria o topo de uma peça de base larga, a modo de “ídolo de cornos” ou então a um dito “quadrúpede” como o registado em Vila Nova de São Pedro, segundo proposta recente (Valera & *alii*, 2014, p. 22, fig.1)

No povoado de Leceia identificaram-se três fragmentos de ídolos cilíndricos com claras analogias com o conjunto de São Pedro (Cardoso, 2009, p. 75). As características morfológicas destas peças em cerâmica são muito idênticas às elaboradas em pedra (calcário ou mármore), designadas por ídolos cilíndricos ou bétilos. Algumas destas peças em pedra apresentam decorações claramente antropomórficas, como os seios femininos, pinturas faciais, cabelos ondulantes, olhos simples ou raiados, que acentuam o seu carácter simbólico. A interpretação das peças sem decoração, principalmente quando

Fig. 9 – Ídolos diversos do São Pedro (Fotos: Xil Veríssimo) 1 - [82]240; 2 - [2884]132; [2808]1; 4 - [2894]11; 5 - [394]308; 6 - [923]47; 7 - [2089]45; 8 - [3073]130; 9 - [105]15; 10 - [0]2824.



elaboradas em cerâmica, não é consensual, uma vez que, se para alguns autores, como João L. Cardoso, a sua morfologia remete indubitavelmente para uma representação abstracta do corpo humano, reforçada pela semelhança com as peças em pedra decoradas (Cardoso, 2009), para outros, como Ana Pajuelo e Pedro Aldana, a sua forma, simplicidade e a sua identificação em contextos habitacionais coloca a possibilidade de se tratar de artefactos funcionais, eventualmente pilões (Pajuelo & Aldana, 2013, p. 512). Esta interpretação funcional é sugestiva, mas frágil porque baseada unicamente na morfologia da peça, uma vez que os autores não referem evidências de desgaste nos fragmentos de Valencina de la Concepción. No entanto, consideramos importante ressaltar que esta funcionalidade poderia ser equacionada na interpretação de algumas peças em pedra, principalmente se associadas a pequenos recipientes também em pedra, que por vezes se assemelham aos almofarizes. Esta funcionalidade não invalida o significado simbólico destes elementos, uma vez que poderiam ser utilizados em contextos rituais.

Os fragmentos de ídolos cilíndricos surgem dispersos por contextos localizados nos setores B, C e D, a maioria dos quais relacionados com o povoado de S. Pedro da fase II, registando-se apenas dois casos que remetem para as fases III e IV (Fig. 11).

### Outras peças

No conjunto em estudo encontram-se seis peças que pelo seu estado de fragmentação e/ou morfologia tivemos dificuldade em integrar nas categorias definidas. Optámos, assim, pela sua descrição e interpretação individual.

A peça [0] 2824 apresenta uma forma semelhante à de uma folha (Figs. 8 e 9), com vários traços incisos em ambas faces, podendo estar relacionada com outros elementos vegetais como as pinhas ou as alcachofras.

A peça [2290] 9 tem uma morfologia esférica, pequenas dimensões e traços incisos, sem organização aparente, em todas as superfícies (Fig. 8). A sua morfologia aproxima-se da representação da cabeça, com cabelos ziguezagueantes de algumas figuras antropomórficas (Valera & alii, 2014; Hurtado, 1979–1980, figs. 9 e 10; Enríquez, 2000). Todavia, a sua

irregularidade na forma e decoração tornam difícil a sua interpretação como uma cabeça humana, sendo mais prudente considerá-la um elemento “simbólico esquemático”, eventualmente um amuleto, com grandes semelhanças a uma das peças identificadas em Valencina de la Concepción (Fernández & Oliva, 1986). Esta foi recuperada no setor C, relacionando-se com a ocupação da fase II.

A peça [0] 2693, identificada à superfície, encontra-se fragmentada, correspondendo a um topo arredondado, com ligeiras incisões numa das faces e a representação dos olhos (um dos quais apenas sugerido) (Fig. 8).

A peça [3073] 130 encontra-se muito fragmentada, sendo difícil de reconstituir a sua morfologia (4,2 cm de largura), apresentando três caneluras paralelas, não se identificando vestígios de decoração (Figs. 8 e 9). O seu contexto de proveniência localiza-se no setor F, enquadrando-se na ocupação da fase IV. O estado de conservação torna muito complexa a sua interpretação, quer como artefacto funcional, quer como elemento simbólico. As caneluras identificadas parecem assemelhar-se a outras registadas em peças de pedra provenientes de sítios como a Perdigoa e Claros Montes (Calado, 2001, p. 105), Sala n.º 1 (Gonçalves, 1987, figs. 5–6), Serra da Preguiça, Sobral da Adiça (Soares & Real, 2005), Pijotilla (Hurtado, 1979–1980, pp. 193–195), ou de contextos funerários como o *Tholos* de San Bartolomé de la Torre (Garrido, 1971), algumas das quais com decoração incisa. As caneluras das peças em pedra podem ter uma interpretação funcional, eventualmente relacionada com o polimento de contas de colar (Enríquez, 1990, *apud* Calado, 2001), ou como “endireitador de flechas” (Soares, 1994, p. 173). Estas funções não são aplicáveis, cremos, aos exemplares em cerâmica. As peças decoradas têm sido interpretadas por diversos autores como elementos simbólicos — representações do órgão sexual feminino (Almagro, 1973, p. 70; Hurtado, 1979–1980, p. 194; Calado, 2001, p. 106).

O fragmento [2225] 9, de pequenas dimensões e muito mal conservado, recolheu-se num contexto da fase II, localizado no setor D. Esta peça apresenta um conjunto de linhas incisas e vestígios de uma perfuração. As características da pasta e cozedura desta peça e

a presença de perfuração aproximam-na do conjunto dos “ídolos de cornos”. Todavia, a pequena dimensão e irregularidade do fragmento exigiu prudência na sua classificação. A peça [1467] 25 apresenta dimensões muito reduzidas, colocando-se a hipótese de se tratar de um elemento coroplástico (Fig. 8). Este pequeno fragmento foi identificado no setor B, inserindo-se na fase IV.

### Falanges trabalhadas

No sítio de São Pedro identificaram-se duas falanges afeiçãoadas por polimento, sem decoração (Fig. 8). A peça [3068] 21 corresponde à primeira falange de um veado (*Cervus elaphus*) e a peça [3006] 72 corresponde a uma falange de *Bos sp.* (auroque ou bovino).

Consideramos que o facto de ambas espécies estarem bem representadas nos povoados de São Pedro, em particular a primeira (Davis & Mataloto, 2012), não terá sido alheio à escolha do suporte, principalmente em desfavor das mais usuais falanges de equinos, os quais, ainda que presentes, o são em menor número. Esta seleção de espécies pode estar associada a decisões culturais (possivelmente relacionadas com o significado simbólico do próprio animal e não apenas com a morfologia genericamente antropomórfica da falange), eventualmente com significado cronológico, como recentemente foi proposto para o grande conjunto de falanges decoradas do sítio dos Perdígões, em que o número de falanges de cervídeo e equídeo é semelhante, distinguindo-se as cronologias dos contextos de proveniência (Valera, 2015).

O polimento das falanges de São Pedro pode ser interpretado como um tratamento decorativo, sendo o mais representado no tratamento dos ídolos falange do sul peninsular (Valera, 2015, p. 13). Todavia, este polimento pode também resultar da utilização funcional destas falanges, eventualmente associada ao tratamento de peles. Ambos os exemplares foram identificados no setor F, enquadrando-se nas fases IV e V.

A peça [2357] 10, em cerâmica, parece, de alguma forma, reproduzir a morfologia das falanges (Fig. 8), contudo, o elevado grau de fragmentação não nos permite ser taxativos.

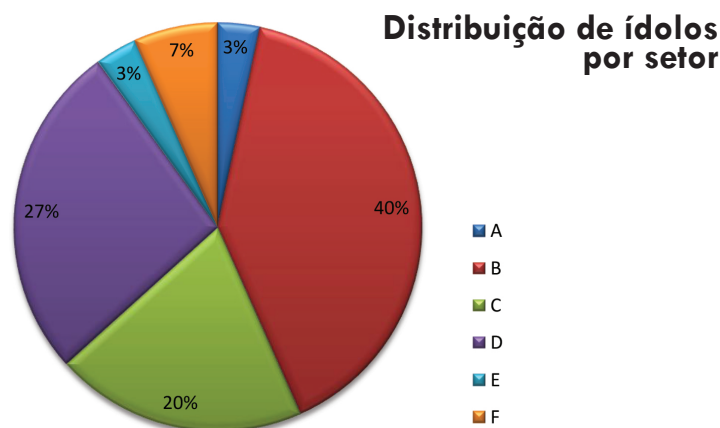


Fig. 10 – Distribuição dos ídolos por setor de escavação.

### Placas de xisto gravadas

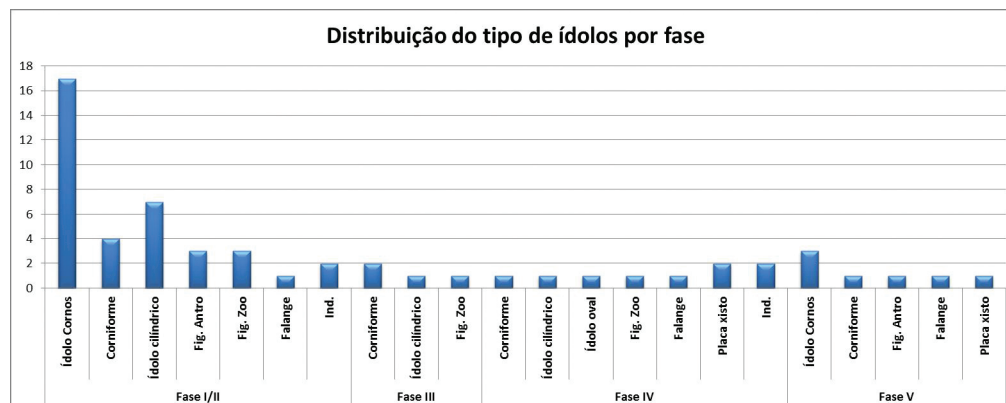
No sítio de São Pedro identificaram-se três fragmentos de placas de xisto de pequenas dimensões, que apresentámos num trabalho mais extenso sobre a presença destes materiais em contextos de povoado no Alto Alentejo (Andrade & alii, 2015).

Os fragmentos [115] 75 e [205] 29 correspondem principalmente a áreas mesiais das placas, identificando-se de forma vestigial os separadores da “cabeça” – corpo e alguns dos motivos decorativos da “cabeça” (Fig. 8). No primeiro exemplar, a decoração da “cabeça” é composta por trapézio central com duas perfurações e bandas de pequenos triângulos laterais, com o vértice para cima, integrando-se esta decoração na variante das placas com cabeça tripartida. O corpo da placa é decorado com bandas de triângulos com o vértice para cima (conservam-se 3 bandas). No segundo exemplar, a decoração da “cabeça” é composta por faixas oblíquas preenchidas, identificando-se uma faixa lisa como o elemento de separação da cabeça-corpo. A decoração do corpo da placa é composta por faixas ziguezagueantes.

O fragmento [1344] 14 corresponde exclusivamente a área mesial de uma placa, com as superfícies muito erodidas, identificando-se como motivo decorativo duas bandas de triângulos preenchidos com o vértice para cima (Fig. 8).

Os três fragmentos de placas de xisto foram recolhidos em unidades estratigráficas localizadas no setor B. As placas [115] 75 e [1344] 14 encontram-se remobilizadas em contextos secundários, sem sinais evidentes de amorti-

Fig. 11 – Distribuição dos tipos de ídeos pelas cinco fases de ocupação.



zação simbólica. O contexto de proveniência da placa [205] 29 é mais complexo, uma vez que se trata de um enchimento de topo da estrutura negativa [187], na qual se documentaram outros elementos, como uma haste de veado e fragmentos substanciais de vários recipientes, que poderão remeter igualmente para contextos simbólicos, colocando-se por isso a hipótese da amortização intencional. Em termos de faseamento, todos os contextos se enquadram nas fases de ocupação mais recente (IV e V) do sítio de São Pedro (Fig. 11), o que não deixa de levantar questões pertinentes sobre a origem da sua presença e amortização no local, especialmente em momentos onde estas já haveriam caído em desuso no mundo funerário.

### Contextos e faseamentos dos ídeos

Os artefactos designados por “ídeos” apresentam-se muito fragmentados ou com dimensões reduzidas, surgindo tendencialmente isolados, dispersos por diversas unidades estratigráficas localizadas nos vários setores de escavação (Figs. 6 e 10). A maioria dos contextos de proveniência destes materiais são secundários, sendo muito raros aqueles que interpretamos como deposições intencionais, não se tendo registado a presença de espaços ou estruturas eminentemente simbólicas/rituais nos povoados de São Pedro.

Com efeito, somente no caso da placa de xisto [205] 29 temos alguns argumentos para colocar a hipótese da sua deposição intencional, uma vez que foi identificada num enchimento de uma estrutura negativa, na qual se registaram outros elementos passíveis de leituras simbólicas. As figuras zoomórficas [302] 2 e

[923] 17 também se identificaram no interior de estruturas negativas mas, pelas características dos seus enchimentos, dificilmente remetem para contextos de deposição intencional. A observação do gráfico da Fig. 11 permite analisar a distribuição e diversidade dos ídeos nas várias fases de ocupação do sítio de S. Pedro (as peças provenientes da unidade superficial [0] não são referidas no gráfico). Os ídeos de cornos/corniformes e os ídeos cilíndricos são muito expressivos no povoado fortificado da fase II (Calcolítico Inicial), esbatendo-se este destaque nas fases seguintes. Os fragmentos de placas de xisto identificam-se nas fases mais recentes (IV/V). As figuras zoomórficas e antropomórficas são quantitativamente pouco expressivas, surgindo nos diferentes povoados de São Pedro.

O conjunto de ídeos analisado apresenta as características tipicamente identificadas em contextos de povoado do Sul peninsular. Em termos quantitativos, os grupos mais expressivos são os dos ídeos de cornos/corniformes e dos ídeos cilíndricos em cerâmica (representam 64% do conjunto). Estas categorias de ídeos marcam presença em vários povoados do Sul peninsular como Leceia (Cardoso, 1992, 2002), Penha Verde (Cardoso & Ferreira, 1990), Vila Nova de São Pedro (Arnaud & alii, 2005), Penedo do Lexim (Arnaud, 1974–1977), Ponta da Passadeira (Soares, 2013), Ponte da Azambuja 2 (Rodrigues, 2013), Castillejos (Cerrillo & alii, 2010), Pijotilla (Hurtado, 1979–1980, 1984), S. Brás (Parreira, 1983), Santa Justa (Gonçalves, 1989), Perdiggões (Lago & alii, 1998), Porto Torrão (Rocha & alii, 2011) ou Valencina de la Concepción (Pajuelo & Aldana, 2013), sendo praticamente inexistentes nos contextos funerários. As categorias das figuras zoomórficas, antro-

pomórficas e dos indeterminados, que reúnem maior consenso na sua interpretação simbólica, representam apenas 29% do conjunto, sendo exclusivamente elaboradas em cerâmica. Estas categorias apresentam-se diversificadas em termos figurativos, uma vez que se identificam diferentes tipos de animais e vários tipos de representações humanas, ainda que todas fortemente esquemáticas, o que se integra perfeitamente na maioria dos contextos do Sudoeste. As matérias-primas, cerâmica e xisto, utilizadas para a elaboração dos ídolos de São Pedro estão disponíveis na região, o que configura uma provável produção iminentemente local para esta categoria de artefactos. No que se refere aos “ídolos” elaborados em cerâmica é importante destacar que as características das pastas (textura, consistência, frequência e dimensão dos componentes não plásticos), das cozeduras e dos tratamentos de superfície se assemelham aos identificados nas várias categorias de artefactos cerâmicos deste sítio, o que evidencia similitudes nos processos de produção. Estas características tecnológicas associadas à pequena dimensão, modelagem expedita e esquematismo dos “ídolos” torna difícil a sua interpretação como produções restritas e especializadas (Meskell & alii, 2008). A elaboração destes elementos simbólicos parece estar assim integrada nas atividades do grupo, ainda que possa ter regras e códigos específicos.

A presença destes elementos, ainda que quantitativamente reduzida, nos vários povoados de São Pedro, maioritariamente em contextos secundários, como a globalidade dos outros artefactos identificados, demonstra que os “ídolos” fazem parte da vida quotidiana, circulando entre diferentes espaços e contextos, não tendo de estar em áreas segregadas ou depósitos intencionais. A identificação destes elementos simbólicos em povoados como os de São Pedro permite reforçar a ideia de que no Calcolítico as esferas mágico-religiosas e quotidianas não estariam apartadas. As vivências rituais faziam parte das vivências quotidianas, podendo por isso não necessitar de espaços concretos e segregados. É possível que nunca consigamos definir espaços eminentemente rituais, “santuários”, mas sim sítios dinâmicos, com contextos diversificados em termos funcionais e simbólicos.

Na realidade, e sem entrarmos na discussão

sobre a natureza das aglomerações de fossos, tomadas aqui como espaços diversificados, maioritariamente relacionados com funções habitacionais e/ou produtivas, seria importante refletir sobre as presenças simbólicas (tipos de figurações, matérias-primas utilizadas e quantidades) em contextos de cariz não funerário e compará-las com as ocupações fortificadas. cremos, apesar da perspectiva meramente impressionista, dada a escassez de dados provenientes dos povoados de fossos, que o forte desequilíbrio (grande quantidade de elementos simbólicos) assumido para as ocupações de fossos se esbateria bastante percentual e proporcionalmente, com o estudo dos contextos domésticos, o que aliás fica patente nos escassos dados disponíveis de sítios como os Perdigueiros<sup>1</sup> (Lago & alii, 1998; Valera & Evangelista, 2014; Valera & alii, 2014) ou Valencina de la Concepción (Pajuelo & Aldana, 2013). A disparidade numérica de elementos simbólicos em contextos domésticos e funerários é reforçada com os dados de Los Millares, publicados na década de 90, em que nas áreas de necrópole se identificaram 148 ídolos, enquanto nos espaços domésticos se registaram apenas oito (Escoriza, 1991–1992, p. 145).

O complexo mundo do simbólico durante o III milénio a.n.e. ainda nos reserva certamente inúmeras novidades e problemáticas, como o caso recente de El Seminario, no qual se documentaram evidentes contextos de deposição simbólica, um dos quais um importante conjunto de ídolos numa fossa, sem qualquer associação a contextos habitacionais ou funerários (Vera & alii, 2010).

### **Gestos do simbólico: figurações, transfigurações e crenças no quotidiano das comunidades do IV/III milénio a.n.e.**

O que aqui entendemos como “gestos do simbólico”, ou a materialização dos mesmos, representa em nossa opinião um elemento estruturante do quotidiano das comunidades pré-históricas, como ainda o é para muitos de nós que vivemos no século XXI.

Neste sentido, gostaríamos de encerrar com uma breve reflexão que assentasse na premissa de que as representações analisadas são, de alguma forma, a materialização ou

<sup>1</sup> Este texto foi concluído antes de estar disponível o artigo de A. Valera (2015) – The diversity of ideotechnic objects at Perdigueiros enclosure: a first inventory of items and problems. *ARPI. Arqueología y Prehistoria del Interior peninsular*. Universidad de Alcalá de Henares, 03, pp. 238–256. Contudo, os dados apresentados apenas vieram reforçar a impressão aqui defendida.



a parte tangível dos “gestos do simbólico”, inerentes a uma comunidade e documentadas num espaço principalmente de cariz habitacional. Deste modo, estas terão feito parte de uma vivência quotidiana do espaço habitacional e doméstico dos povoados de São Pedro, mutável ao longo das centenas de anos de uma ocupação intermitente e dinâmica, que oscilou perante o sentido da permanência, emanado por estruturas de grande robustez, cujo simbolismo inerente não podemos ignorar, e a fugacidade do gesto que muitas vezes a crença deveria implicar. A visão “cartesiana” e dicotómica em que supostamente se baseia a estrutura mental atual poderá tolher-nos parcialmente a real complexidade imbuída nas materialidades e contextos do passado, contudo, estamos conscientes destas limitações, e temos uma visão crítica mesmo sobre a suposta sociedade dicotómica atual, nem sempre clara e instalada em todos os indivíduos que a compõem.

Assim, é nesta multiplicidade de sentidos e gestos, usados e repetidos num tempo longo, que teremos que descortinar as mutações sofridas pelas crenças das comunidades que habitaram São Pedro. Esta tarefa, sabemos, não será aqui completada; antes de tudo pretendemos lançar as bases de uma reflexão mais alargada, que se alicerce em dados, cuja existência deverá ser escrutinada com o avanço da investigação, difícil e insegura, quando se tenta criar “dados” de “gestos, ídolos e símbolos”.

Como foi ficando patente, a maior parte das realidades documentadas pertencem às fases mais antigas, em particular a II, justamente aquela em que a ocupação parece assumir maior dimensão, ao menos da área murada. Contudo, ainda que o número se nos afigure menor, os temas e as presenças mantêm-se, deixando entender uma certa permanência simbólica ao longo do tempo, o que não quer dizer que tenha permanecido imutável ao longo de todo o III milénio a.n.e., algo que consideramos pouco plausível, e que nos surge melhor sustentado nas ocupações com maior número de presenças.

A categorização dos elementos do simbólico em simples partição zoomórfica, antropomórfica ou ditos abstratos representa, em si, uma visão excessivamente segmentada de uma realidade única aos olhos de quem a criou, o

que se traduz na dificuldade de atribuição de categorias a muitos dos elementos, ou à própria fusão que eles representam, como ficou claro nos ditos “ídolos de cornos” frequentemente dotados de características antropomórficas. Num momento em que, enquanto escrevemos estas linhas, se discute o próprio estatuto jurídico dos animais, aproximando-o dos humanos<sup>2</sup>, devemos entender a facilidade com que, na Pré-História, os elementos do simbólico poderiam fundir sentidos e características múltiplas em um único elemento, dificultando a nossa necessária categorização.

Ainda que o género seja usualmente representado em muitas das figurações antropomórficas do III milénio a.n.e. do sudoeste peninsular (Hurtado, 2010; Valera & Evangelista, 2014), no caso vertente essa representação nem sempre é clara, ainda que a possível representação dos seios pareça remeter, nalgumas situações, para o cariz feminino das figuras. Contudo, talvez seja importante realçar que nem sempre surge como fundamental a representação sexual, quer por ela ser, para quem observa, óbvia sem que seja perceptível, quer por ser simplesmente indiferente o seu cariz.

Assim, cremos entender que não apenas a quantidade dos novos dados, mas igualmente a sua diversidade, deve alertar-nos para uma multiplicidade de símbolos, atributos e representações em que se materializava a cosmogonia destas sociedades, cada vez mais longe da “Deusa-Mãe” onnipresente ou do “Jovem Deus” emergente, passando a integrar muitas mais transfigurações, gestos e símbolos onde uma outra perspetiva ontogénica imporia uma fusão de atributos e significados, que teriam circulado, mutado e sido amortizados no quotidiano das múltiplas ocupações deste período no território alentejano, de que São Pedro seria apenas mais um exemplo.

Tendo sempre em linha de conta a limitação que a nossa própria leitura impõe, pretendeu-se aqui evidenciar que mesmo dentro das ocupações cercadas de estruturas defensivas se partilhou um contexto quotidiano pejado de simbolismo e certamente ritualidade, materializado em múltiplos suportes, de entre os que nos chegaram.

Apesar do aparente contraste existente entre as ocupações muradas e as grandes ocupações de fossos (Valera, 2013, p. 312) no que à densidade de materiais integráveis nas

<sup>2</sup>Veja-se como a eleição de um deputado do Partido PAN representa a alteração progressiva da percepção ontogénica que a sociedade atual detém sobre si, cada vez mais afastada da simples partição Homem/Animal. Como dizia um velho Mestre “... gosto mais desse animal do que de metade da minha família ...”

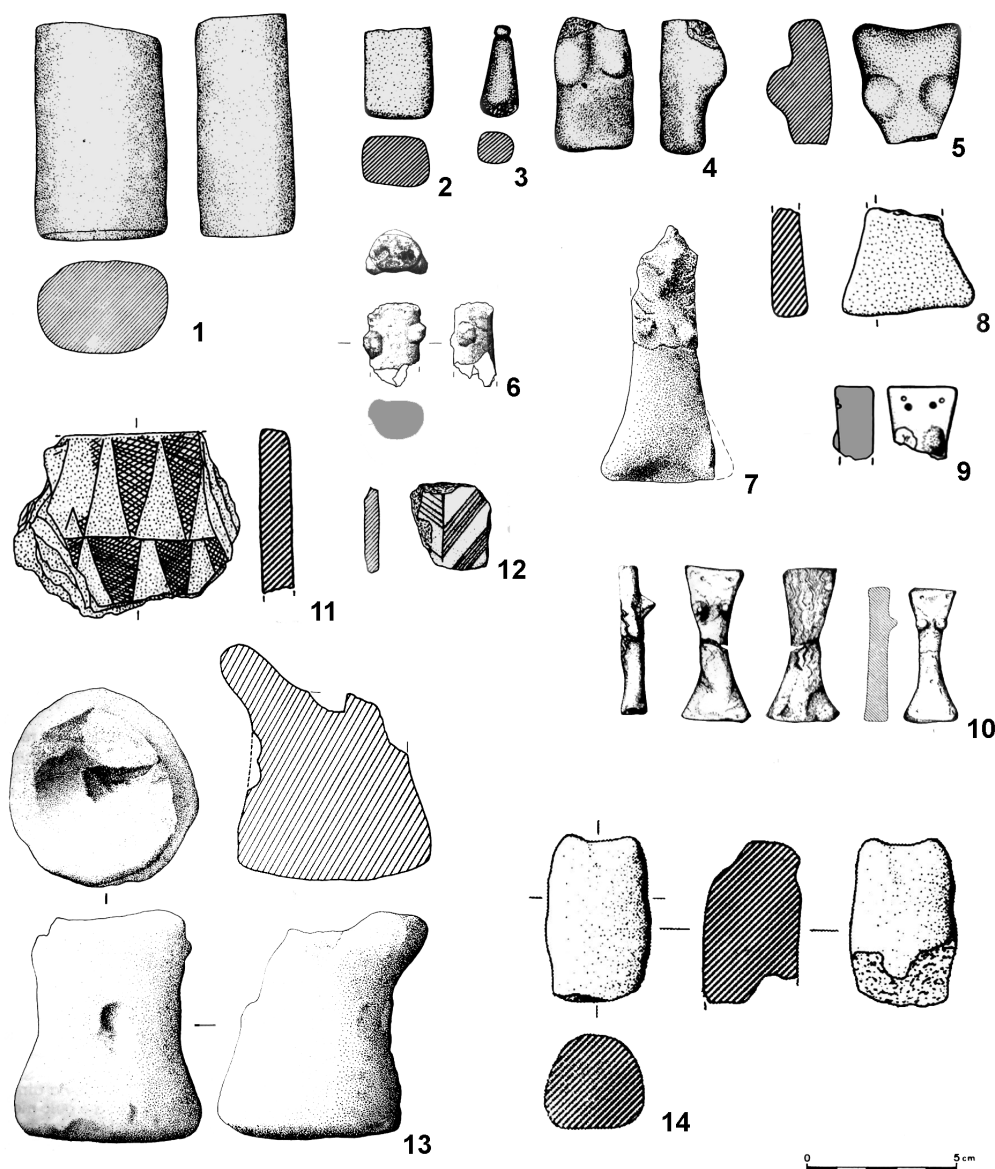


Fig. 12 – Representações diversas de ídolos provenientes de ocupações fortificadas do sudoeste peninsular e de outras ocupações na envolvente do São Pedro. 1-5 e 12 – Ídolos em pedra e cerâmica do Monte da Tumba (Alcácer do Sal) (Silva & Soares, 1987); 6 – Mercador (Mourão) (Valera, 2013); 7 – Monte Novo dos Albardeiros (Reguengos de Monsaraz) (Gonçalves, 2005); 8 e 11 – Fonte Ferrenha (Redondo) (Calado, 2001); 9 – São Brás (Serpa) (Parreira, 1983); 10 – Cabezo Juré (Alosno) (Nocete, 1999); 13 – Monte da Ribeira (Redondo) (Gonçalves, 1989); 14 – Grou (Redondo) (Calado & Mataloto, 2001).

categorias aqui analisadas diz respeito, cremos que se deverá, de algum modo, matizar esta perspetiva pois, se atendermos apenas às presenças não relacionadas com contextos funerários, a realidade afigura-se-nos aparentemente menos contrastante. Cremos que o caso dos Perdigões, com múltiplos trabalhos sobre estas materializações do simbólico (Valera, 2010, 2012, 2015; Valera & Evangelista, 2014; Valera, Evangelista & Castanheira, 2014) é particularmente revelador, justamente pelo domínio absoluto dos contextos de origem funerária para as “evidências” do simbólico. Contudo, pouco conhecemos fora destes contextos, mas seria de suma importân-

cia compreender as proximidades e diferenças para com as ocupações de menor dimensão, muradas ou não. Efetivamente, o simples exercício levado a efeito há uns anos sobre estas presenças no sudeste peninsular, e em particular em Los Millares, deixa bem clara esta situação, com a esmagadora maioria das presenças, e as de maior riqueza, a surgirem nos espaços funerários, aí claramente segregados numa extensa necrópole (Escoriza, 1991–1992, p. 145). Todavia, *não tapemos o Sol com a peneira*, a presença nos Perdigões de frequentes contextos funerários dentro das diversas áreas cercadas por fossos é por si só um elemento de máxima distinção para com

as restantes ocupações, e que deverá marcar, com bastante clareza, a efetiva natureza diferenciada destes grandes aglomerados de fossos (Valera, 2013, p. 313).

Perante esta análise, gostaríamos apenas de enfatizar que a presença de “ídolos” e outros elementos do simbólico nas ocupações muradas, ou outras onde o cariz habitacional emerge de modo claro, faz igualmente parte de uma realidade quotidiana, aparentemente doméstica, onde circulam sentidos, símbolos e objetos afins dos conhecidos nas grandes ocupações, nas quais o registo do simbólico emerge com muito maior diversidade, riqueza e exotismo, como se apontou para os Perdigões, mas igualmente para Pijotilla (Hurtado, 2010) ou Valencina (Hurtado, 2013). No entanto, é com bastante facilidade que vemos partilhar entre os diversos espaços, murados ou com fossos, pequenos ou grandes, os mesmos símbolos, caso das ditas tatuagens faciais, os “olhos de Sol”, as estilizações dos cabelos, as esquematizações zoo- e antropomórficas, as mesmas mesclas de figurações, sentidos e atributos, que nos permitem entrever a partilha, mesmo que sobre suportes diferenciados, de uma mesma semiologia do simbólico pelo menos em todo o sul peninsular, que se traduziria, certamente, num determinado grau de integração identitária multi-regional, mas que abarcaria, de algum modo, e desde há muito, uma área bastante mais ampla, ao longo do Mediterrâneo, e mesmo para além dele (Gimbutas, 1982).

O conjunto de “ídolos” e idoliformes do São Pedro surge-nos, então, dentro de uma linha de presenças que poderíamos admitir como própria das pequenas ocupações muradas, mas principalmente dos contextos habitacionais, tal como, de alguma forma, podemos observar a partir dos dados recolhidos

em diversas destas ocupações conhecidas no sudoeste peninsular, como o Monte da Tumba (Silva & Soares, 1987), Monte Novo dos Albardeiros (Gonçalves, 2005), Monte do Tosco (Valera, 2013) ou Santa Justa (Gonçalves, 1989), estando igualmente presentes pontualmente em outras ocupações da região, como o Monte da Ribeira (Gonçalves, 1989), Fonte Ferrenha (Calado, 2001) ou o Grou (Calado & Mataloto, 2001). Assim, a circulação, interação e partilha destes ídolos e símbolos deveria ser um elemento integrador das diversas comunidades, estruturadas em redes solidárias de ocupação, nas quais os grandes sítios de planície desempenhariam um papel fulcral na gestão, mediação e consolidação do sentido grupal, agregando em si, em momentos particulares, toda a comunidade. Deste modo, tal como desde há muito se assinalou para a região (Calado, 2001, p. 134), as grandes ocupações de planície, rodeadas por amplos sistemas de fossos, cumpririam uma função agregadora, assente em boa medida na dimensão ritual e religiosa, tal como o indica a abundância de elementos do simbólico aí amortizados, eventualmente originários de outros elementos e ocupações da mesma comunidade grupal. Seriam espaços de mediação entre os distintos grupos da comunidade de um dado território que, através de atos e gestos simbólicos, viriam aí amortizar os objetos do sagrado, num contexto que ainda nos escapa. Assim, as populações das alturas e as da planície deveriam ser uma mesma comunidade, que partilhavam os mesmos ritos e a mesma semiologia do simbólico, que se materializava no quotidiano de um modo distinto do patenteado por celebrações rituais específicas, sejam elas funerárias ou não.

Lisboa/Redondo, novembro de 2015

### Agradecimentos

A Conceição Roque e Inês Conde pelos desenhos dos ídolos em cerâmica e osso.

A Marco Andrade pelo desenho das placas de xisto.

A Cleia Detry pela identificação das espécies de animais a que pertenciam as falanges trabalhadas.

## Bibliografia citada

- ALMAGRO GORBEA, María Josefa (1973) – *Los ídolos del Bronce I Hispano*. Madrid: Universidad.
- ANDRADE, Marco; COSTEIRA, Catarina; MATALOTO, Rui (2015) – Símbolos da morte em espaços de vida? Sobre a presença de placas de xisto gravadas em povoados do Alto Alentejo, no contexto do Sudoeste peninsular. In COLLADO GIRALDO, Hipólito; GARCÍA ARRANZ, José Julio, eds. – *Symbols in the landscape: rock art and its context. Proceedings of the XIX International Rock Art Conference IFRAO 2015 (Cáceres, Spain)*. Tomar: Instituto Terra e Memória, pp. 1607–1635.
- ARNAUD, José Morais (1974–1977) – Escavações no Penedo do Lexim/1975. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. Série 3. 8–9, pp. 398–406.
- ARNAUD, José Morais; GOMES, Mário Varela; SOARES, António Monge; FERREIRA, Sónia Duarte; ESTRELA, Carla Lemos (2005) – Vila Nova de São Pedro: uma fortificação calcolítica do litoral estremenho. In ARNAUD, José Morais; FERNANDES, Carla, eds. – *Construindo a memória. As coleções do Museu Arqueológico do Carmo*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, pp. 141–219.
- BAILEY, Douglass (2005) – *Prehistoric figurines: representation and corporeality in the Neolithic*. London; New York, NY: Routledge.
- BÉCARES PÉREZ, Julián (1990) – Uniformidad conceptual en los ídolos del Calcolítico peninsular. *Zephyrus*. Salamanca. 43, pp. 87–94.
- BOAVENTURA, Rui (2001) – O sítio calcolítico do Pombal (Monforte): uma recuperação possível de velhos e novos dados. Lisboa. Instituto Português de Arqueologia.
- BOAVENTURA, Rui (2006) – Os IV e III milénios a.n.e. na região de Monforte, para além dos mapas com pontos: os casos do cluster de Rabuje e do povoado com fossos de Moreiros 2. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 9:2, pp. 61–73.
- BOAVENTURA, Rui (2011) – Another idol from the dust: another evidence of neighboring contacts between the settlement of Pombal (Monforte, Alentejo) and the region of Badajoz. *Apointamentos de Arqueologia*. Lisboa. 7, pp. 15–18.
- CALADO, Manuel (1995) – *A região da Serra d'Ossa: introdução ao estudo do povoamento neolítico e calcolítico*. Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Provas de aptidão pedagógica e capacidade científica. Lisboa.
- CALADO, Manuel (2001) – *Da Serra d'Ossa ao Guadiana: um estudo de Pré-História regional*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia.
- CALADO, Manuel (2004) – *Menires do Alentejo Central*. Dissertação de Doutoramento apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Lisboa.
- CALADO, Manuel; MATALOTO, Rui (2001) – *Carta arqueológica do Redondo*. Redondo. Câmara Municipal.
- CARDOSO, João Luís (1992) – Acerca de um suporte de lareira do povoado pré-histórico de Leceia (Oeiras). *Al-Madan*. Almada. II série. 1, pp. 23–26.
- CARDOSO, João Luís (2002) – Sobre os ídolos de calcário de Pêra (Silves) e o seu significado, no quadro do calcolítico do Sul Peninsular. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. IV série. 20, pp. 61–76.
- CARDOSO, João Luís (2003) – Ainda sobre os impropriamente chamados “Ídolos de Cornos” do Neolítico Final e do Calcolítico da Estremadura e do Sudoeste. *Al-Madan*. Almada. II série. 12, pp. 77–79.
- CARDOSO, João Luís (2006) – As cerâmicas decoradas pré-campaniformes do povoado pré-histórico de Leceia: suas características e distribuição estratigráfica. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 14, pp. 9–276.
- CARDOSO, João Luís (2009) – Estatuetas do Neolítico final e do Calcolítico do povoado pré-histórico de Leceia (Oeiras) e o simbolismo a elas associado. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 17, pp. 73–96.
- CARDOSO, João Luís (2010) – Cult artifacts from the Neolithic and Chalcolithic settlement of Leceia, Oeiras, Portugal. In GHEORGHIU, Dragos; CYPHERS, Ann, eds. – *Anthropomorphic and zoomorphic miniature figures in Eurasia, Africa and Meso-America. Morphology, materiality, technology, function and context*. Oxford: Archaeopress, pp. 37–41.
- CARDOSO, João Luís; VEIGA FERREIRA, Octávio da (1990) – Três suportes de lareira da Penha Verde (Sintra). *Revista de Arqueologia da Assembleia Distrital de Lisboa*. Lisboa. 1, pp. 95–126.
- CERRILLO CUENCA, Enrique (2006) – Revisiting the “Horn Idols” from los Castillejos I (Fuente de Cantos, Badajoz): symbolical drawings and domestic artifacts during the 3rd millennium. Comunicação apresentada no XV Congresso UISPP, na Sessão C 43- *Symbolic figurations in the 4th and 3rd millennia in the South of the Iberian Peninsula: the engraved schist plaques and their figurative and schematic counterparts*. Organizada por Victor S. Gonçalves. Lisboa.
- CERRILLO CUENCA, Enrique; FERNÁNDEZ CORRALES, José María; PRADA GALLARDO, Alicia; LÓPEZ SÁEZ,



- José Antonio (2010) – Cambios y permanencias en el entorno de Castillejos (Fuente de Cantos, Badajoz, España): de finales del Neolítico a comienzos de la Edad del Bronce. In GONÇALVES, Victor S.; SOUSA, Ana Catarina, eds. – *Transformação e mudança no Centro e Sul de Portugal no 3.º milénio a.n.e. Actas do Colóquio Internacional*. Cascais: Câmara Municipal, pp. 433–451.
- COSTEIRA, Catarina (2010) – *Os componentes de tear do povoado de S. Pedro (Redondo, Alentejo Central)*, 3º milénio a.n.e. Lisboa: [s.n.]. Tese de mestrado apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
- COSTEIRA, Catarina (2012) – Placas e crescentes – Análise de um conjunto de componentes de tear do sítio arqueológico de S. Pedro (Redondo, 3º milénio a.n.e.). *Arqueologia e História*. Lisboa. 62–63, pp. 23–37.
- COSTEIRA, Catarina; MATALOTO, Rui (2013) – Os componentes de tear do povoado de S. Pedro (Redondo, Alentejo Central) In JIMÉNEZ ÁVILA, Javier; BUSTAMANTE ÁLVAREZ, Macarena; GARCÍA CABEZAS, Miriam, eds. – *Actas del VI Encuentro de Arqueología del Suroeste Peninsular*. Villafranca de los Barros: Ayuntamiento, pp. 625–667.
- COSTEIRA, Catarina; MATALOTO, Rui; ROQUE, Conceição (2013) – Uma primeira abordagem à cerâmica decorada do 4º./3º. Milénio a.n.e. dos povoados de S. Pedro. (Redondo). In ARNAUD, José Morais; MARTINS, Andrea; NEVES, César, eds. – *A Arqueologia em Portugal – 150 anos*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, pp. 397–406.
- COSTEIRA, Catarina; MATALOTO, Rui (no prelo) – *Ídeos e idóiformes cerâmicos dos povoados do 4º/3º milénio a.n.e. de S. Pedro (Redondo): contributo para o estudo de uma ritualidade fugidia ...*
- DAVIS, Simon; MATALOTO, Rui (2012) – Animal remains from Chalcolithic São Pedro (Redondo, Alentejo): evidence for a crisis in the Mesolithic. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 15, pp. 47–85.
- DINIZ, Mariana (2008) – Far from Eden? Acerca de uma figurinha antropomórfica do povoado do Neolítico Antigo da Valada do Mato (Évora, Portugal). *Saguntum*. Valencia. 40, pp. 9–26.
- ENRÍQUEZ NAVASCUÉS, Juan Javier (1990) – *El Calcolítico o Edad del Cobre de la cuenca extremeña del Guadiana: los poblados*. Badajoz: Editora Regional de Extremadura.
- ENRÍQUEZ NAVASCUÉS, Juan Javier (2000) – Nuevos ídeos antropomorfos de la cuenca media del Guadiana. *Spal*. Sevilla. 9, pp. 351–368.
- ESCORIZA MATEU, Trinidad (1990) – Ídeos de la Edad del Cobre del yacimiento de las Angosturas (Gor, Granada). *Zephyrus*. Salamanca. 43, pp. 95–100.
- ESCORIZA MATEU, Trinidad (1991–1992) – La formación social de los Millares y las “producciones simbólicas”. *Cuadernos de Prehistoria y Arqueología de la Universidad de Granada*. Granada. 16–17, pp. 135–165.
- FERNÁNDEZ GÓMEZ, Fernando; OLIVA ALONSO, Diego (1986) – Valencina de la Concepción (Sevilla): excavación de urgencia. *Revista de Arqueología*. Madrid. 58, pp. 19–33.
- GARRIDO PENA, Rafael (1999) – *El campaniforme en la Meseta: análisis de su contexto social, económico y ritual*. Tese de doutoramento. Madrid: Universidad Complutense.
- GARRIDO ROIZ, Juan Pedro (1971) – Los poblados del Bronce I Hispano del estuario del Tinto-Odiel y la secuencia cultural megalítica en la región de Huelva. *Trabajos de Prehistoria*. Madrid. 28, pp. 113–115.
- GIMBUTAS, Marija (1982) – *The goddesses and gods of Old Europe: myth and cult images*. 2nd new updated edition. Los Angeles, CA: University of California Press.
- GOMES, Mário Varela (1991) – Cruciformes e figuras associadas de dois santuários rupestres do Sul de Portugal. Cronologia e interpretação. *Almansor*. Montemor-o-Novo. 9, p. 17–74.
- GONÇALVES, Victor S. (1987) – O povoado pré-histórico da Sala n.º1 (Pedrógão, Vidigueira): notas sobre a campanha 1 (88). *Portugalia*. Porto. Nova série. 8, pp. 7–16.
- GONÇALVES, Victor S. (1989) – *Megalitismo e metalurgia no Alto Algarve Oriental: uma aproximação integrada*. Lisboa: UNIARQ; INIC., 2 vols.
- GONÇALVES, Victor S. (2005) – Manifestações do sagrado no Ocidente peninsular. 6. As representações da deusa no edifício funerário tipo *Tholos* do Monte Novo dos Albardeiros Reguengos de Monsaraz, Évora. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. 4.ª Série. 23, pp. 197–229.
- GONÇALVES, Victor S.; ALFARROBA, António (2010) – Ver ao longe no 3.º milénio a.n.e. sobre a localização do Monte Novo dos Albardeiros (Reguengos de Monsaraz). In GONÇALVES, Victor S.; SOUSA, Ana Catarina, eds. (2010) – *Transformação e mudança no Centro e Sul de Portugal no 3.º milénio a.n.e. Actas do Colóquio Internacional*. Cascais: Câmara Municipal, pp. 297–324.
- HURTADO PÉREZ, Victor (1978) – Los ídeos calcolíticos en el Occidente Peninsular. *Habis*. Sevilla. 9, pp. 357–364.
- HURTADO PÉREZ, Victor (1979–1980) – Los ídeos calcolíticos de la Pijotilla (Badajoz). *Zephyrus*. Salamanca 30–31, pp. 167–197.

- HURTADO PÉREZ, Victor (1981) – Las figuras humanas del yacimiento de la Pijotilla (Badajoz). *Madridrer Mitteilungen*. Mainz am Rhein. 22, pp. 46–57.
- HURTADO PÉREZ, Victor (1984) – *El yacimiento de la Pijotilla (Badajoz). Estudio de relaciones culturales*. Tese policopiada. Sevilla: Universidad.
- HURTADO PÉREZ, Victor (2008) – Ídolos, estilos y territorios de los primeros campesinos en el sur peninsular. In CACHO QUESADA, Carmen; MAICAS RAMOS, Ruth; MARTOS, Juan Antonio; MARTÍNEZ NAVARRETE, María Isabel, eds. – *Acerándonos al Pasado. Prehistoria en 4 Actos*. Madrid: Museo Arqueológico Nacional; CSIC.
- HURTADO PÉREZ, Victor (2010) – Representaciones simbólicas, sitios, contextos e identidades territoriales en el Suroeste Peninsular. In CACHO QUESADA, Carmen; MAICAS RAMOS, Ruth; GALÁN DOMINGO, Eduardo; MARTOS MORENO, Juan Antonio, eds. – *Ojos que nunca se cierran. Ídolos en las primeras sociedades campesinas*. Madrid: Museo Arqueológico Nacional, pp. 137–198.
- HURTADO PÉREZ, Victor (2013) – Los ídolos del asentamiento de Valencina de la Concepción (Sevilla): una revisión. In GARCÍA SANJUAN, Leonardo; VARGAS JIMÉNEZ, Juan Manuel; HURTADO PÉREZ, Victor; RUIZ MORENO, Teresa; CRUZ-AUÑÓN BRIONES, Rosario, eds. – *El asentamiento prehistórico de Valencina de la Concepción (Sevilla): investigaciones y tutela en el 150 aniversario del descubrimiento de La Pastora*. Sevilla: Universidad, pp. 311–327.
- HURTADO PÉREZ, Victor; PERDIGONES MORENO, Lorenzo (1983) – Ídolos inéditos del calcolítico en el Sudoeste hispano. *Madridrer Mitteilungen*. Mainz am Rhein. 24, pp. 46–58.
- LAGO, Miguel; DUARTE, Cidália; VALERA, António; ALBERGARIA, João; ALMEIDA, Francisco; CARVALHO, António Faustino (1998) – O povoado dos Perdígões (Reguengos de Monsaraz): dados preliminares dos trabalhos arqueológicos realizados em 1997. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 1:1, pp. 45–152.
- LEISNER, Georg; LEISNER, Vera (1959) – *Die Megalithgräber der Iberischen Halbinsel, 1:2: der Westen*. Berlin: Walter de Gruyter.
- MARTÍNEZ SÁNCHEZ, Rafael María; GARCÍA BENAVENTE, Ricardo (2009) – Una terracota figurada del IV milenio AC en la vega media del Guadalquivir. *Trabajos de Prehistoria*. Madrid. 66:1, pp. 115–122.
- MATALOTO, Rui (2010) – O 4.º/3.º milénio a.C. no povoado de São Pedro (Redondo, Alentejo Central): fortificação e povoamento na planície centro alentejana. In GONÇALVES, Victor S.; SOUSA, Ana Catarina, ed. – *Transformação e mudança no Centro e Sul de Portugal no 3.º milénio a.n.e. Actas do Colóquio Internacional*. Cascais: Câmara Municipal, pp. 263–296.
- MATALOTO, Rui; BOAVENTURA, Rui (2009) – Entre vivos e mortos nos IV e III milénios a.n.e. do Sul de Portugal: um balanço relativo do povoamento com base em datações pelo radiocarbono. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 12:2, pp. 31–77.
- MATALOTO, Rui; COSTEIRA, Catarina (2008) – O povoado Calcolítico do Paraíso (Elvas, Alto Alentejo). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 11:2, pp. 5–26.
- MATALOTO, Rui; COSTEIRA, Catarina; ROQUE, Conceição (2015) – Torres, cabanas e memória: A fase V e a cerâmica campaniforme do povoado de São Pedro (Redondo, Alentejo Central). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 18, pp. 81–100.
- MATALOTO, Rui; ESTRELA, Susana; ALVES, Catarina (2007) – As fortificações calcolíticas de São Pedro (Redondo, Alentejo Central, Portugal). In CERRILLO CUENCA, Enrique; VALADÉS SIERRA, Juan Manuel, eds. – *Los primeros campesinos de La Raya: aportaciones recientes al conocimiento del Neolítico y Calcolítico en Extremadura y Alentejo*. Actas de las Jornadas de Arqueología del Museo de Cáceres, 1. Cáceres: Consejería de Cultura y Turismo, pp. 113–141.
- MATALOTO, Rui; ESTRELA, Susana; ALVES, Catarina (2009) – Die kupferzeitlichen Befestigungen von São Pedro (Redondo), Alentejo, Portugal. *Madridrer Mitteilungen*. Wiesbaden. 50, pp. 3–39.
- MATALOTO, Rui; MÜLLER, Roland (no prelo) – Construtores e metalurgistas: faseamento e cronologia pelo radiocarbono da ocupação calcolítica do São Pedro (Redondo, Alentejo Central) In *Kupferzeitliche Metallurgie in Zambujal, in Estremadura, Südportugal und Südwestspanien: vom Fertigprodukt zur Lagerstätte. Arbeitstagung Alqueva-Staudamm, 27. bis 30. Oktober 2005*. Madrid: DAI Abteilung.
- MESKELL, Lynn; NAKAMURA, Carolyn; KING, Rachel; FARID, Shahina (2008) – Figured lifeworlds and depositional practices at Çatalhöyük. *Cambridge Archaeological Journal*. Cambridge. 18:2, pp. 139–161.
- MOLINA LEMOS, Lucio (1980) – El poblado del Bronce I de El Lobo (Badajoz). *Noticiario Arqueológico Hispánico*. Madrid. 9, pp. 91–127.
- NANOGLLOU, Stratos (2008) – Representation of humans and animals in Greece and the Balkans during the earlier Neolithic. *Cambridge Archaeological Journal*. Cambridge. 18:1, pp. 1–13.
- NOCETE CALVO, Francisco (2004) – *Odiel: proyecto de investigación arqueológica para el análisis del origen la desigualdad social en el suroeste de la Península Ibérica*. Sevilla: Junta de Andalucía.

NUKUSHINA, Diana; MATALOTO, Rui; COSTEIRA, Catarina; IGREJA, Marina (no prelo) – “Foliáceos ovóides” e “grandes pontas bifaciais” nos povoados de S. Pedro (Redondo).

OLSON, David R. (1996) – *The world on paper: the conceptual and cognitive implications of writing and reading*. Cambridge: Cambridge University Press.

PAJUELO PANDO, Ana; ALDANA LÓPEZ, Pedro (2001) – Ideología y control político durante el III milenio a.n.e. en el Bajo Guadalquivir. *Revista Atlántica-Mediterránea de Prehistoria y Arqueología Social*. Cádiz. 4, pp. 229–255.

PAJUELO PANDO, Ana; ALDANA LÓPEZ, Pedro (2013) – Ideología de un centro de poder: nuevos productos ideológicos de Valencina (Sevilla). In JIMÉNEZ ÁVILA, Javier; BUSTAMANTE ÁLVAREZ, Miriam; GARCÍA CABEZAS, Macarena, eds. – *VI Encuentro de Arqueología del Suroeste Peninsular*. Villafranca de los Barros: Ayuntamiento, pp. 501–519.

PARREIRA, Rui (1983) – O Cerro dos Castelos de São Brás (Sarpa): relatório preliminar dos trabalhos arqueológicos de 1979 e 1980. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. Série 4:1, pp. 149–168.

PASCUAL BENITO, Josep Lluís (2012) – *La mirada de l'ídol. Tresors del museu de Prehistòria de València*. València: Museu de Prehistòria.

RIBEIRO, Leonel; SANGMEISTER, Edward (1967) – Der neolithische Fundplatz von Possanco bei Comporta/Portugal. *Madrider Mitteilungen*. Heidelberg. 8, pp. 31–45.

ROBB, John E. (1998) – The archaeology of symbols. *Annual Review of Anthropology*. Palo Alto, CA. 27, pp. 329–346.

ROCHA, Miguel; REBELO, Paulo; SANTOS, Raquel; NETO, Nuno (2011) – Contextos e objectos simbólico-religiosos do Porto Torrão: os ídolos e as placas de xisto. In CASCALHEIRA, João; GONÇALVES, Célia, eds. – *Actas das IV Jornadas de Jovens em Investigação Arqueológica*. Faro: Universidade do Algarve, pp. 399–406.

RODRIGUES, Filipa (2013) – Idolomania: figuras antropomórficas e “ídolos de cornos” do recinto de fossos do Neolítico final da Ponta da Azambuja 2 (Portel, Évora). In ARNAUD, José; MARTINS, Andrea; NEVES, César, eds. – *A Arqueologia em Portugal – 150 anos*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, pp. 435–446.

SÁNCHEZ VIZCAÍNO, Alberto; BELLÓN RUIZ, Juan Pedro; RUEDA GALÁN, Carmen (2005) – Nuevos datos sobre la zona arqueológica de Marroquíes Bajos: el quinto foso. *Trabajos de Prehistoria*. Madrid. 62:2, pp. 151–164.

SILVA, Carlos Tavares; SOARES, Joaquina (1976–1977) – Contribuição para o conhecimento dos povoados calcolíticos do Baixo Alentejo e Algarve. *Setúbal Arqueológica*. Setúbal. 2–3, pp. 179–272.

SILVA, Carlos Tavares; SOARES, Joaquina (1987) – povoado fortificado do Monte da Tumba I – Escavações arqueológicas de 1982–86 (resultados preliminares). *Setúbal Arqueológica*. Setúbal. 8, pp. 29–79.

SILVA, Carlos Tavares; SOARES, Joaquina (2013) – Economia agro-marítima na Pré-História do estuário do Sado. Novos dados sobre o Neolítico da Comporta. *Setúbal Arqueológica*. Setúbal. 14, pp. 145–170.

SOARES, António Monge (1994) – Descoberta de um povoado do Neolítico junto à igreja de Velha de S. Jorge (Vila Verde de Ficalho, Sarpa). Resultados preliminares. *Vipasca*. Aljustrel. 3, pp. 41–49.

SOARES, António Monge; REAL, Fernando (2005) – Um ídolo calcolítico em pedra encontrado na Serra da Preguiça (Sobral da Adiça, Moura). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 8:2, pp. 107–113.

SOARES, Joaquina (2013a) – Sal e conchas na Pré-História portuguesa. O povoado da Ponta da Passadeira (estuário do Tejo). *Setúbal Arqueológica*. Setúbal. 14, pp. 171–196.

SOARES, Joaquina (2013b) – *Transformações sociais durante o III milénio AC no Sul de Portugal: o povoado do Porto das Carretas*. Évora: EDIA.

SOUSA, Ana Catarina (2010) – *O Penedo do Lexim e a sequência do Neolítico Final e Calcolítico da Península de Lisboa*. Tese de Doutoramento em Pré-História. Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

VALERA, António Carlos (2008) – Recinto calcolítico dos Perdigões: fossos e fossas do sector I. *Apontamentos de Arqueologia e Património*. Lisboa. 3, pp. 19–28.

VALERA, António Carlos (2010) – Marfim no recinto calcolítico dos Perdigões (1): “lúnulas”, fragmentação e ontologia dos artefactos. *Apontamentos de Arqueologia e Património*. Lisboa. 5, pp. 31–42.

VALERA, António Carlos (2012) – Ídolos almerienses provenientes de contextos neolíticos do complexo de recintos dos Perdigões. *Apontamentos de Arqueologia e Património*. Lisboa. 8, pp. 19–28.

VALERA, António Carlos (2013) – *As comunidades agropastoris na margem esquerda do Guadiana – 2.ª metade do IV aos inícios do II milénio AC*. Évora: EDIA.

VALERA, António Carlos (2015) – “Ídolos” falange, cervídeos, equídeos. Dados e problemas a partir dos Perdigões. *Apontamentos de Arqueologia e Património*. Lisboa. 10, pp. 7–20.

VALERA, António Carlos; LAGO, Miguel; DUARTE, Cidália; EVANGELISTA, Lucy (2000) – Ambientes funerários no complexo arqueológico dos Perdigueiros: uma análise preliminar no contexto das práticas funerárias calcolíticas no Alentejo. *Era Arqueologia*. Lisboa. 2, pp. 84–105.

VALERA, António Carlos; TERESO, João; REBUGE, João (2006) – O Monte da Quinta 2 (Benavente) e a produção de sal no Neolítico/Calcolítico do estuário do Tejo. In *Actas do IV Congresso de Arqueologia Peninsular, 4: do Epipaleolítico ao Calcolítico na Península Ibérica*. Faro: Universidade do Algarve, pp. 291–299.

VALERA, António Carlos; EVANGELISTA, Lucy (2014) – Anthropomorphic figurines at perdigueiros enclosure: naturalism, body proportion and canonical posture as forms of ideological language. *European Journal of Archaeology*. London. 17:2, pp. 286–300.

VALERA, António Carlos; EVANGELISTA, Lucy; CASTANHEIRA, Patrícia (2014) – Zoomorphic figurines and the problem of human-animal relationship in the Neolithic and Chalcolithic Southwest Iberia. *Menga*. Sevilla. 5, pp. 15–41.

VERA RODRÍGUEZ, Juan Carlos; LINARES CATELA, José Antonio; ARMENTEROS LOJO María José; GONZÁLEZ BATANERO, Diego (2010) – Depósitos de ídolos en el poblado de La Orden-Seminario de Huelva: espacios rituales en contexto habitacional. In CACHO QUESADA, Carmen; MAICAS RAMOS, Ruth; GALÁN DOMINGO, Eduardo; MARTOS MORENO, Juan Antonio, eds. – *Ojos que nunca se cierran. Ídolos en las primeras sociedades campesinas*. Madrid: Museo Arqueológico Nacional, pp. 199–242.